

# DOCUMENTÁRIO

---

## PEQUENA CRÔNICA JESUÍTICA DO SÉCULO XVI (\*).

JOSE AUGUSTO VAZ VALENTE  
da Escola de Comunicações e Artes da Universidade  
de São Paulo.

Não seja embora inédito o presente manuscrito, nem por isso deixa de ser curioso e, quiçá, útil, no que se refere à forma ou mesmo à substância da primitiva historiografia do Brasil.

Catalogado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, de cota n.º 54, dêle tomamos conhecimento pelo *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra Relativo ao Brasil* (1) publicado pelo então Conservador do Instituto de Estudos Brasileiros, Sr. Francisco de Moraes, que se lhe refere nestes termos:

“54 — “De algumas Cousas mais notaveis do Brazil”.

Parece ter sido escrito por algum jesuíta pelos anos de 1591. Traz várias notícias relativas aos primeiros anos da colonização de várias capitanias do Brasil pelos portugueses, interessantes para a história dêste país, e ocupa-se com algum desenvolvimento de várias curiosidades da fauna, flora e mineralogia do Brasil, bem como dos costumes dos indígenas. 1 vol., 203 x 152.” (2).

Publicados já no *Arquivo Bibliográfico* da Universidade de Coimbra desde o n.º 1, vol. IV, de janeiro de 1904 (pág. 13), a sua publicação foi até o n.º 10, do vol. VI, de outubro de 1906 (pág. 160), com algumas páginas por volume.

- 
- (\*) — Êste estudo que antecede a “Pequena Crônica” foi publicado in Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, vol. II da Coleção da *Revista de História* n.º XXXV, 1971, págs. 7 a 19. O referido Simpósio foi realizado na cidade de Campinas, São Paulo, de 1 a 7 de setembro de 1969.
- (1). — Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra Relativos ao Brasil; Extrato do Catálogo de Manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 1941.
- (2). — Publicação citada, pg. 3.

Esta publicação foi somente transcrição paleográfica da secção de inéditos e foi antecedida de uma

“advertência em que se observa que conquanto desprovido de galas de estilo, êste inédito é contudo apreciável pelas notícias que nêle se encontram relativas aos primeiros anos da colonização de várias capitânicas do Brasil pelos portugueses, elementos interessantes para a história dêste país, e por se ocupar com algum desenvolvimento de várias curiosidades da sua fauna, flora e mineralogia, bem como dos costumes, crenças e superstições dos indígenas”.

Pe'a mesma “advertência” fica-se sabendo que

“alguns assuntos do escrito foram tratados, além d'outros, pelo padre Simão de Vasconcelos na sua — *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil* — Lisboa, 1663” havendo uma separata também de 1663, do livro 1º da Crônica, que se reimprimiu no que diz respeito às notícias antecedentes curiosas e necessárias das cousas do Brasil”.

Alvitra, ainda, a “advertência” do Arquivo Bibliográfico que o manuscrito poderia fazer parte das publicações da Academia Real de Sciencias de Lisboa na sua *Collecção de notícias para a História e Geografia nas nações ultramarinas que vivem nos domínios portuguezes ou lhes são visinhos*.

Uma segunda publicação se fêz do dito manuscrito na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1923 no n.º 94 e que segue de perto a do Archivo Bibliográfico.

\*

O manuscrito em questão, que Varnhagem apelida de “crônica Jesuítica” (3) é da autoria de “hũ p.º de m.ºs annos do brazil, que isto escreveu” como se lê ao encerrar do manuscrito, uma peça de 91 fôlhas em linguagem e letra da época, que foi o século XVI, já em seu final.

O original, um tanto arruinado nalgumas passagens que não permite leitura, dada a corrosão da tinta sôbre o papel, noutras se lê com dificuldade a ponto de deixar dúvida a sua leitura. Já no A. B. se faz essa observação, na “advertência”, dizendo que

“algumas palavras e curtas passagens não se podem ler, outras as lemos conjecturalmente”.

(3). — *História do Brasil*, vol. I, pg. 203, nota 29 — 5a. Edição Integral; Melhoramentos, São Paulo, 1956.

Hoje, passados mais de 60 anos sôbre a publicação do A.B., as dificuldades se mantêm ou, quiçá, se agravam porque o “efeito corrosivo da tinta” se continua.

Na leitura efetuada por nós, se alguma coisa corrigimos da transcrição do A.B., também dêste nos valem para acrescentar a alguma coisa que hoje é totalmente ilegível, tanto mais que tivemos de ler microfilmes do original. Anotamos sempre o que “acrescentamos” do A.B., que vai observado em pé de página. Anônimo, o documento foi obra de um jesuíta que passou muitos anos no Brasil e que, por trechos que escreveu, dá a entender que outras parte do mundo correu, que não só a América. As comparações a que recorre, ao menos no que diz respeito à flora, dão a entender que conhecia a África, a América Central e mesmo a Ásia.

Também no Brasil não conheceu apenas um lugar ou região; a frequência com que alude a lugares diferentes, de norte a su do litoral, faz-nos pensar que não tinha, somente, um conhecimento teórico das regiões diferentes, mas que por várias peregrinou, registrando fatos e anotando características.

Podemos pensar, então, que o manuscrito se foi elaborando por lugares diversos, se atendermos à meticulosidade dos assentamentos que o autor foi arrolando. A sua conclusão, se não estamos em êrro, e se bem interpretamos as linhas finais, foi já na metrópole. O autor afirma que os

“nomes da ervas e doutra coisas que não me lembrarão daqua de portugal senão pelo nome na lingoa do Brasil”.

Lá terminado, estamos em crer que foi elemento de informação para diversos autores que sôbre o Brasil escreveram, juntamente com os escritos de Gandavo que foram elaborados com poucos anos de antecedência.

Não poderá dar-se com exatidão a data da “crônica jesuítica” que temos em mãos. Os dados que o manuscrito fornece parecem, à primeira vista controversos. Teremos, entretanto, que atender ao fato de sua elaboração não ser de uma só vez e ter-se processado aos poucos. Provável que houvesse demorado uma parte boa de tempo que o autor passou no Brasil. E os anos passados “foram muitos” como o mesmo afirma. A ser assim, registrando um a um os dados que o manuscrito fornece, também do escrito se inferem várias datas, tôdas verdadeiras.

Na 1a. página refere a data de 91, logo nas primeiras linhas:

“como des querêdo se vera este anno de 91” (4).

---

(4). — Leitura de A.B. — é atualmente ilegível.

Atendendo porém, ao hábito de todo o escritor, de escrever o “prefácio” ou mesmo a “introdução” do seu trabalho ao final dêste, cremos que esta página, a 1a., fôsse escrita já depois de concluída a pequena “crônica”, quando tôdas as anotações estavam feitas, ou, porventura, redigidas.

Assim o ano de 91 (1591) seria a data da redação final do ms. ou a data em que se dava por concluído.

Na fôlha 7 afirma que “ha 45 annos q̄ foi povoada a baya”. Se tomarmos em conta que ao falar da “Baya” que encabeça o Cap. 7, o autor faz referência expressa a Fr.<sup>co</sup> Pr.<sup>a</sup> então temos que o povoamento da Baya se refere ao seu início e a êste donatário. Tendo como ponto de referência o ano de 1535 (5) encontramos a data de 1580, quando o fato se refere, decorridos que vão 45 annos.

E’ de 1580 o manuscrito? E’ de 1591?

Vejamos que no capítulo 13 — como vierão os p.<sup>es</sup> do Cóp.<sup>a</sup> por mandado del Rei Dom João 3.<sup>o</sup> (6) — se referem as datas de chegada dos padres da Companhia e os últimos referidos são: “P.<sup>e</sup> Gregorio Sarrão e dez Irmãos era de 78”. Não é provável que de 78 a 91 não tivessem vindo mais que não fôsem dignos de registro por parte do autor e que calasse os que vieram pelo espaço de 13 annos.

Reafirmamos que os retoques finais do manuscrito serão de 1591 — “como dês querêdo se verá neste anno de 91” — constituindo-se na sua totalidade de anotações coligidas ao longo de uma década; mas por que se veria nesse anno de 91?

A expressão completa um período que fala do rio Paraguaçu, ao longo do qual

“se achão muitas pedras verdes, vermelhas, e muito cristãl e ha minas juto delle, como des querêdo se vera...”

1591 foi o anno da “primeira visitação do S.<sup>to</sup> Officio à provincia do Brasil”.

Haverá alguma relação estabelecida entre a verificação das minas e pedras e a “visitação”?

\*

Na análise que do documento pode fazer-se, parte dos elementos são conjecturais, ao menos no que diz respeito à análise externa e no que se refere à data, local e autor.

(5). — Frei V. Salvador — *História do Brasil* — Melhoramentos, São Paulo. 1964.

(6). — Leitura do A.B. — Fôlha 12 e sg. do mans.

Havemos, porém, de dizer, ainda em respeito a esta análise, que o ms. não nos parece esteja completo.

À fôlha 5, última linha, está o título do cap. 7 — Baya; mesmo que consideremos como cap. o título do manuscrito, “de algũas cousas mais notaveis do brazil” na fol. 1 e um título da fôlha 2 “b.<sup>a</sup> Porto Seguro”, temos, assim, dois capítulos que antecedem o 7º, faltando, portanto, ainda 5 que não aparecem no manuscrito.

E’ verdade que entre os caps. 8º — Pernãobuco 7 povoações; e o 11º da Governança, deixam de aparecer os cap. 9 e 10 mas há os títulos que a êles corresponderiam: “Ilheos 8º Povoação”, pág. 8; e “O Rio de Janeiro”, pág. 8.

Falta também o cap. 15; e dos cap. 16 — “Das Guerras cõ os Indios” — pág. 16, até à pág. 27, Cap. 20 (?) — “donde dizem ter esta província principio” — não se assinalam capítulos mas tem os títulos correspondentes: “Rio de Janeiro”, pág. 19; — “Numero de Xpuãos” — pág. 21; — “sítio do Brazil” — pág. 25; — “Rios” — pág. 26. O capítulo 21 não vem indicado, também, mas anterior ao cap. 22 — “Dos costumes e cazam.<sup>tos</sup>” — há um título que sem dúvida lhe corresponderia e que é: — “Mandioca f.<sup>a</sup>” — pág. 29. Não aparece, ainda, o cap. 24, nem o cap. 27 e o cap. 28. O capítulo 29 não tem título, pág. 36.

Na pág. 37 o título é “L.<sup>o</sup> 2º dos animais”. Nem sabemos se corresponderia a um nôvo livro que continuasse o 1º, que seria o escrito até à pág. 36. Neste nº 2º, depois de dois títulos destacados: “Veados” e “Corços”, pág. 37, há um outro título ainda na mesma pág. — “Antas — cap. 2º” —. Logo em seguida o “cap. 3º dos porcos Montezes”; não aparecem mais capítulos até à pág. 57, mesmo que haja diversos títulos em destaque referindo diversos animais, num total de 43.

Na pág. 57 está o “Cap. 2º Das Ervas q̄ dioscoredes não teve conhecim.<sup>to</sup> nê fez mēção nê outros — Jeticuçu”. Até à pág. 65 não aparecem mais capítulos mesmo que se dê destaque a muitas espécies.

Naquela pág. 65 há o último Capítulo indicado: — “Cap. 2º das frutas Acaju”. À semelhança do cap. anteriormente indicado contém, até ao fim, diversos títulos, não só no que se refere a frutos e árvores de fruto, mas a partir da pág. 76 faz referências a peixes, baleias, aves de água, mariscos, etc. sem que se destaque em cap. qualquer dos assuntos.

\*

As falhas que porventura existam, e estamos em crer que existem, não só pela disposição do manuscrito como pela enunciação dos

capítulos, não quero crer que sejam sanáveis a possibilitar uma restauração completa do texto.

Apontamentos exparsos, ou resultado dêles e a que se procurou dar uma ordem, que realmente se nota no texto, fazem do manuscrito um repositório curioso de sucessos e fatos, que o identificam com a forma da primeira historiografia que ao Brasil se refere.

Na substância, esta “crônica jesuítica” pela designação de Varnagem é muito semelhante aos escritos de autores como Gandavo, G. Soares de Sousa, anteriores ou, quiçá, contemporâneos do autor; é muito semelhante ao escrito por Frei Vicente Salvador em sua *História do Brasil*. De Simão de Vasconcelos, dissemos já que extraiu o presente manuscrito.

Mantendo-se na linha a que chamaremos a “historiografia coeva”, o escrito em questão é uma exaltação das “cousas do Brazil” das “mais notáveis”, como do título se depreende.

Neste aspecto sofreu influência e exerceu influências. Erudito na época e no local, o autor preencheu as suas horas de ócio relatando algo do que conheceu e acrescentando algo que outros lhe deram a conhecer.

A exaltação da “cousa” brasileira está patente nas 2 primeiras linhas do texto quando afirma que o Brasil, descoberto

“no ano de 1500 por P.<sup>e</sup> alz Cabral, portuguez”, que “levou logo pimêta pao algodão e gengibre”.

Não seria o caso de Gandavo, que se propunha fazer propaganda da terra, no sentido de chamar gentes que a povoassem. Não seria êsse o caso dêste nosso “cronista”, tanto assim que por muito tempo o seu escrito ficou desconhecido e, nos escaparates das preciosidades bibliotecárias, ignorado.

Pelo menos é o que nos é dado pensar. Mas logo de seguidos nos perguntamos: ficaria mesmo ignorado?

\*

Poderíamos, a rigor, considerar o ms. dividido em duas partes; uma, a 1a., que é propriamente de História do Brasil, que vai até à fol. 26; outra, a 2a., que poderíamos denominar “das curiosidades”, até ao final. Não discutiremos aqui a ordem lógica destas duas partes, já que a 1a., que designamos de H. do Brasil, termina por onde talvez haveria de começar quando a fl. 25 é iniciada com o título “sítio do Brazil”; e aí nos dá algumas indicações sobre as coordenadas que ao Brasil se referem.

Mesmo se quisermos considerar a 1a. parte como um trabalho de referências históricas, notaremos que de permeio há alguma coisa que se possa referir a “curiosidades”.

De início dá-nos a impressão de o autor pretender respeitar a cronologia dos acontecimentos, referindo-se aos mais remotos.

Assim, depois da descoberta em 1500, fala de seguida em 1504 quando

“vierão francezes à Baya e pernãobuco logo os portuguezes lhe derão guerra e os botaram da terra e lhe tomarão tre naos na Baya”.

Na mesma fôlha e no parágrafo seguinte, fala em Martim Afonso de Sousa, “o 1º que foi povoar o Brasil” e seu irmão, em São Vicente.

Dá nota de 2a. e 3a. capitâneas (Itamarauca e Spū S<sup>to</sup>).

Fala a seguir de Pôrto Seguro: de p.º de Campo Tourinho.

Não fica esquecida a sua missão de clérigo e a seguir à referência que faz a “P.º do Campo Tourinho da Vila do Conde”, uma longa relação confirma a sua condição e de missionário, para quem é apostado a divulgação das coisas de Deus e da Virgem.

Assim, ocupa algumas páginas no relato de alguns milagres de N. Sra. da Ajuda, que começam com o aparecimento duma fonte de água junto da Igreja, onde os padres desejavam; e um homem, dono dum canavial, que se agastava por antes disso lhe fazerem caminho pela cana em busca da água que não tinham, viu as enxadas e alfaias enterradas no vale para onde a água da fonte milagrosa correu, ficando o mesmo homem daí em diante muito devoto.

A êste primeiro milagre outros se seguem, relatados em três páginas.

Aberto êste parêntese, continua a notícia das capitâneas e seus fundadores, falando sucessivamente da Baya a Francisco Pereira, quando os homens se desentenderam e o donatário se acolheu a Pôrto Seguro; um naufrágio deu com ê'e na costa em Tapegepe (*sic*) e os índios o mataram; melhor: o mandaram executar por um menino de 5 anos, irmão de um filho de um principal que Francisco Pereira havia mandado matar, e a quem ajudaram a manter a espada; os índios não o comeram pelo que afirma o autor.

Depois vieram Diogo Álvares e seu genro.

Fala de Pernambuco, 7a. povoação, que se povoou com Duarte Coelho; de Ilhéus, 8a. povoação, com Jorge de Figueiredo.

Rio de Janeiro, que “foi a primeira que povoou el Rei dom Sebastião”, e que historia brevemente, falando dos franceses; de Estácio de Sá; da artilharia que tem, alguma tomada aos Franceses, outra vinda de Portugal; fala da sua fertiidade; de sua fartura de Peixes e mariscos e carne. O peixe o

“cercam no Rio e toda a terra se põe a escalar e salgar de dia e de noite e a assar e muitas vezes mais é o que se perde e se não pode aproveitar como já vi por duas vezes encherem-se mais de duzentas canoas muito grandes e isso tres vezes ao ano”.

De seguida fala de “Governação”, quando começou por referir Tomé de Sousa como primeiro governador, falando depois de Duarte da Costa, Mem de Sá; D. Luís, “que mataram os franceses”.

Luís de Brito e Almeida; Lourenço da Veiga; Manuel Teles Barreto; António Barreiros e Cristóvão de Barros; e Francisco de Sousa (Sousa).

Acentua que êste último “foi no anno de 91”.

O autor, como clérigo, não deixa de referir as coisas eclesiásticas e por isso no cap. 12 refere os Bispados.

Dá como primeiro bispo Pedro Fernandes que, vivendo no bispado 4 anos, se tornava a Portugal quando foi morto em “vaza barris”, episódio aliás constantemente citado nos manuais de História.

O 2º, D. Pedro Leitão, “que bispou 14 anos e veio na era de 59”.

Aqui poderíamos abrir um parêntese, referindo a data em que haveria sido empossado o bispo Fernandes Sardinha, já que com 4 anos de bispado, como refere o autor, estaria de pé a data que habitualmente se dava, ou seja a de 1555, antes dos estudos de Varnhagem, que deu o ano de 1551 como certo (7) e que João Ribeiro dá como sendo o de 1552 (8).

Fechado o parêntese, digamos que o 3º bispo citado pelo autor da “crônica jesuítica” é Dom Antônio Barreiros, que já citara no Capítulo da “Governação”.

Acresce, porém, que dá a data de sua vinda em 76 e mais bispados não refere a partir dêste ano.

Talvez que o fato reforce o nosso argumento quanto ao tempo de elaboração do manuscrito — cremos que incerto e não compro-

---

(7). — Varnhagem (Francisco Adolfo de) — *ob. cit.*; vol. cit., pg. 224.

(8). — *História do Brasil*; 16a. ed. Rio de Janeiro, 1957.

vado pelo ano de 91 referido na 1a. página — já que depois do bispo A. Barreiros não se refere outro nomeado posteriormente, tal como acontece com os padres da Companhia.

Recordamos que são os vindos em 78 os últimos padres citados; enquanto que o bispo é de 1576.

\*

Aos sucessos históricos agregam-se, coerentemente, referências aos franceses e às guerras contra êles sustentadas, seja em Pernambuco por Duarte Coelho (fôlha 15), seja no Rio de Janeiro, quando fala de “Villagalhão” (fol. 15).

E, ainda, às guerras com os Índios que são referidas no Cap. 16, desde a página 16 a 21.

\*

Não esquecendo a condição sacerdotal e votado para as coisas do espírito, faz uma estimativa do número dos cristãos; bem precária, por sinal, em função dos elementos que tem, ou que não tem, calculando que só na Baya haja 60 mil.

Relata a seguir peripécias a mostrar algumas glórias e vicissitudes da catequização que, não obstante difícil, é, ainda, prejudicada por fatores na base dos quais está o interêsse de estranhos que iludem os indígenas e os desviam em proveito seu.

Acabadas aquelas referências que poderemos apelidar de históricas, cremos que escritas obedecendo a uma ordem que dissemos ser cronológica, mas sem grande rigor, vêm alguns elementos geográficos a partir da fôlha 25.

Não seriam, porém, a nosso ver, nem os apontamentos históricos nem os apontamentos geográficos, as “cousas mais notáveis do Brasil”, que do título do manuscrito se inferem.

As coisas mais notáveis e curiosas estariam, naturalmente, no que de nôvo e incomum na terra se via; e nas gentes que habitavam a terra.

Por essa razão, depois dos breves apontamentos histórico-geográficos, se dedica o autor à descrição das coisas e dos homens.

Das coisas são as espécies vegetais e animais que formam um longo rol.

Dos homens são seus costumes; seus hábitos e vícios; seus agouros, que focaliza e descreve.

Não iremos aqui referir, minuciosamente, tudo o que sôbre êstes assuntos escreve o autor; mas diremos que lhes dedica 2/3 do seu escrito, o que nos dá a entender a importância dos assuntos.

E' um longo rol, dizíamos acima e não cabe neste breve comentário.

Ao tratar das espécies vegetais e animais muitos dos nomes designados e particularidades escrevem-se com palavras da língua dos indígenas.

Poderíamos pensar que se as espécies são brasileiras de outra maneira não podiam designar-se, senão pelos nomes "brasileiros".

E', entretanto, o autor que afirma o contrário, quando diz, ao findar o seu escrito que não lhe lembravam as coisas "daqua de Portugal senão pelo nome do Brasil"; prova suficiente, ao que cremos, de que muitos nomes poderiam ser os de lá.

Para nós é sintomático êste escrito com soma razoável de vocábulos brasileiros, o mesmo que dizer indígenas.

Vejamos que menos de um século se havia passado desde a descoberta do Brasil; e apenas meio século desde que a colonização sistemática se iniciara, a partir de Martim Afonso de Sousa.

Recordaremos, também, que foi, sòmente, em 1549 que chegou a primeira missão de padres, em número de seis, tendo como superior Manuel da Nóbrega,

"vinda para catequisar os índios e para prestar serviços de religião e bons costumes",

constituindo-se, a bem dizer, no "elemento moral" de que fala João Ribeiro (9).

Estava esta primeira "missão" em consonância com Tomé de Sousa, em cujo regimento se lia que deveria

"conservar e enobrecer as capitâneas e povoações das terras do Brasil, para exaltamento da santa Fé e proveito dos reinos, senhores e naturais dêles".

Aqueles padres e os que vieram de seguida tornaram-se admirados dos índios os quais

"se esforçavam por lhes falar na própria língua" (10).

---

(9). — *História do Brasil*, op. cit.

(10). — Sanceau (Elaine) — *Capitães do Brasil; Civilização, Pôrto, 1956.*

Na verdade, nós compreendemos que não poderiam falar-lhes noutra língua.

Bem entendemos que os aborígenes eram menos capacitados que os europeus para aprender, no mesmo espaço de tempo, um vocabulário de uma língua estranha; por isso mesmo, sem dúvida, os padres que vinham com a missão de ensinar começaram, primeiramente, por aprender a língua dos naturais da terra.

Dos primeiros padres dizem-nos que o melhor lingüista era o Padre Navarro, talvez porque

“o tupi fôsse semelhante ao seu vasconço natal” (11).

Curioso é de notar que antecedendo Anchieta, que só chegaria 4 anos depois,

“reproduziu por escrito a linguagem dos brasileiros, traduzindo as escrituras, além dos artigos de Fé e oração dominical” (12).

Por êste procedimento chegaram os padres a entender a “língua tupi-guarani”, o instrumento mais poderoso de intercomunicação das duas culturas: “a do invasor e raça conquistada”, no dizer de Gilberto Freyre (13).

Na verdade, o labor que neste campo desenvolveram é testemunhado por um sem número de trabalhos que nos ficaram, a comprovar o fato, sejam vocabulários, dicionários ou catecismos.

Dalguns destes, demos notícia em artigo publicado na *Revista de História* nº 71, vol. XXXV (14).

Parece-nos aqui que se havia reconhecido desde cedo que a língua podia estreitar as relações, no território a percorrer e na comunicação com os indígenas.

Os portugueses adotavam a língua indígena,

“preferindo as expressões tupis aos dizeres da própria língua em que aliás não faltavam vocábulos e locuções igualmente expressivas e adequadas”, conforme Theodoro Sampaio, que nos afirma, ainda, “ir a catequese, mesmo nos povoados mais afastados, dando à língua bárbara foros de um veículo civilizador” (15).

---

(11). — *Idem.*

(12). — *Idem.*

(13). — *Casa Grande e Senzala*; 9a. Ed., tomo I, pg. 206.

(14). — *Língua — Instrumento de Colonização.*

(15). — *O Tupi na Geografia Nacional* — São Paulo, 1901.

Talvez por isso que o tupi-guarani merecesse dos estudiosos e lingüistas a designação frequente de “Língua Geral do Brasil” assinalada em diversos estudos.

Não é surpresa para ninguém se dissermos que o português senhoriou e calcorreou uma terra com tamanho de continente. Fê-lo como senhor, que de fato era, tendo como primeiro dever, na maioria dos casos, o de civilizar, ou catequizar ou ensinar.

O elemento mais pronto da civilização que trazia era, não o duvidamos, a língua que deveria ensinar.

Nalguns casos, entretanto, mo'dou-se aos costumes da terra; afeiçoou-se às coisas e até às gentes.

Pelo que nos é dado ver, nem relutou em assimilar a própria língua dos nativos para melhor se fazer entender. E não só por dever de officio, pois que

“até ao comêço do século XVIII a proporção entre as duas línguas faladas (português e tupi) era mais ou menos de três para um, do tupi para o português”, conforme elucidava Theodoro Sampaio” (16).

“E as famílias dos portugueses e índios em São Paulo — no dizer do Padre Antônio Vieira — tão ligadas umas às outras que as mulheres se criam mística e domêsticamente, a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios e a portugueza a vão os meninos aprender à escola” (17).

Dever de officio apenas? Poderíamos concluir que não.  
Imposição das circunstâncias?

Mas quem estava em condições de impor, pensamos nós, era o português...

Não haverá aqui a revelação duma propensão natural dos portugueses, que mesmo nos atos simples e particulares se esforçavam por usar uma língua estranha, quando podiam impor a sua?

Dêste procedimento, aliás, temos exemplos bem frisantes em vínhamos falando.

É neste passo que damos importância relevante ao Ms. de que outros colonizadores.

E essa importância de que o julgamos revestido está no fato de nos parecer um argumento concludente.

Já o dissemos da autoria de um padre que teria, sem dúvida, pleno domínio sobre o vernáculo;

(16). — *Idem.*

(17). — *Obras Várias*; in Theodoro Sampaio, *op. cit.*, pg. 13, nota 1.

saberia, por isso, designar as espécies, que designou na língua indígena, em português;

cita no seu manuscrito um naturalista, para nós a prova de que poderia designar apropriadamente, substituindo o vernáculo, a maioria das espécies sem recorrer à nomenclatura indígena;

entende-se de seu escrito que teria percorrido outras partes do mundo e outros continentes, onde naturalmente teria encontrado muitas das espécies que encontrou no Brasil.

Pela nossa primeira estimativa, feita junto ao manuscrito em questão, há 284 vocábulos indígenas em 91 fôlhas escritas, que são outras tantas páginas. E havemos de ter em conta que foi escrito antes de decorrido um século desde a Descoberta do Brasil.

O fato de ser um padre que assim escreveu, usando com tanta frequência de vocábulos da 'Língua Geral do Brasil', parece-nos um passo seguro para podermos afirmar, e crêmos que a caminho da demonstração, que o português não só respeitou como assimilou a civilização que os outros povos detinham, por elementar que fôsse.

Neste caso poderíamos, talvez, ver um utilitarismo imediato quando se assenhoreava da língua indígena para melhor chegar aos nativos e mais depressa os associar a si, na empresa que tinha em mãos; ou seria o extravasamento da sua propensão universalista, integrando-se e não se mantendo estranho entre outras raças ou civilizações, mesmo que não iguallassem a sua.

Uma pesquisa que se fizesse neste sentido e que nos desse a conhecer a frequência do uso do linguajar tupi, no decurso da ocupação, esclareceria muitos problemas atinentes à colonização portuguesa; e encontraria a justificativa para o nº de vocabulários, dicionários e Catecismos na "Língua Geral do Brasil", que se encontram hoje nos catálogos das Bibliotecas e Arquivos, ainda manuscritos.

Só na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra microfilmamos quatro, com centenas de páginas.

Demos notícia de três em artigo publicado na *Revista de História* (nº 71, vol. XXXV, São Paulo, 1957).

Ao final, diremos que o Manuscrito em questão aí se encontrado à estampa para quem quiser analisá-lo. Dentro das coordenadas da historiografia crêmo-lo uma peça não só curiosa, mas útil, para quem sentir a necessidade histórica de se debruçar sobre escritos desta natureza.

Também por esta razão, além de outras, sentimos que devíamos transcrevê-lo fornecendo-o a quem dêle possa tirar proveito.

Ms. nº 54 —

De a'guãs cousas mais notaveis do Brazil

Foi descuberto o brazil no anno de 1500 por/P.º alz cabral portugues e levou logo pimēta/ pao algodão & gemgibre.

O paraguaçu he hũ rjo grande esta dêtro na/ baya e bota na boca agoa salgada por em/trar a mare alguãs 12 legoas por elle vê dal/guãs 300 legoas este Rjo e ao longo de'le se/achão m<sup>tas</sup> pedras verdes vermelhas e m.<sup>to</sup>/cristal e ha minas jũto delle como dês querē/do se vera este anno de 91/.

Na era de 1504 vierão francezes a Baya/ e pernaõbuco logo os portuguezes lhe derão/ guerra e os botaram da terra e lhe tomarão/ tres naos na Baya./

O 1º que foi povoar o Brazil foi Marti afonço/de Souza e seu irmão Pº Lopez em S. V.<sup>te</sup> na Ilha de Guaiepe e asi S. V.<sup>te</sup> o 1º q̄ se povou/esta 24 graos da banda do sul e assi ali/forão os primeiros estudos dos p<sup>es</sup> da Comp<sup>a</sup>//

(fol. 2) Itamaragua foi a 2ª q̄ se povou esta em 8 graos/da banda do Sul tē dous emgenhos/

A 3ª Cap<sup>ta</sup> foi o Spũ S<sup>to</sup> por Vasco frz Coutinho e m<sup>ta</sup>/gente honrrada aqui morreo aq̄le grãde Capitão/das malucas e dom Simão de Castelo brãco de/gadados he muy fertel Cap<sup>ta</sup> tē duas Villas/ huã na barra e outra ã huã Ilha huã legoa/ p'o Rio (menenge)(1) temos ali da cõp<sup>a</sup> dez p<sup>s</sup> jrmãos e ..... (2) jndios/

Tem esta Cap<sup>ta</sup> hũ ryo doce grande bota tres le/goas ao mar e assi bota a agoa salgada dessi e/a parta ã q̄lq̄er tpõ e ç bebe. E por e'le assima/ ha muitas pedras (bastantes)(3) da preço segundo padre estrologo/disse he a mais rica Cap<sup>ta</sup> e por isso V.<sup>co</sup> fraz a/ povou a doaçã das (sortes)(4) he ate emtestar cõ/ os castelhanos do sul esta ã 20 graos da banda do Sul

(1). — No Arquivo Bibliográfico não foi transcrita a palavra.

(2). — No A. B. foi transcrito, assinalando leitura duvidosa “alguas aldeas com nove mil”. Atualmente o papel está consumido.

(3). — Deixou de se ler a palavra no A. B.

(4). — Transcreveu-se “sorēs” in A. B. Pensamos ser sertões mas cremos entender “sortes”, designação aplicada, ainda hoje, a certas porções de terreno de regular extensão.

b<sup>a</sup> Porto Seguro

Foi povoada por P<sup>o</sup> do Campo tourinho de vila/de conde. A Baya, pernambuco, Spū S<sup>to</sup> se /acolheram aqui quando se despovoarão cō gerra/ esta esta terra cō os Guiamores aserca despovoada./ No ano de 1551 fizerão os nossos p<sup>es</sup> a casa de / N. S<sup>a</sup> da ajuda e por nãõ terē agoa e hū homē/ se agastar per lhe fazerē cam<sup>o</sup> polla cana se / forão os p<sup>es</sup> a dizer missa e no mejo della se abrjo logo huã fonte grãde no trôco jũto da Igr<sup>a</sup> // (folha 3) onde os p<sup>es</sup> dezejavão e cobrio as emxadas/ dos q̄ cavavão (corriam)(5) em baixo E o homē/que tolhia o caminho (foi) da'i por diãte m.<sup>to</sup> devoto/Pareceome bē por aqui algũs milagres que N. S. fez por serē autēticos e feita inqui / rição pello admenistrador: lavãdosse cō esta agoa / Hū homē por nome alvaro pez galego m.<sup>or</sup> em / S. Amaro e mordomo da casa de N. S<sup>a</sup> lhe mordeo / huã cobra e estando pera lhe cortarē a / perna q̄ tinha herpes selavou cō esta agoa / q̄ mandou buscar e assi adormeço e se achou / sãõ ē acordando e logo vejo a Casa de N. S.<sup>a</sup> / João lobato foi sãõ de huãs camaras de sãgue / E doutra doença lavãdoce cō esta agoa a 1552 / Alvoroz Piz Galego jurou que parido hūa sua co/madre Lianor Nunez m.<sup>or</sup> em S. Cruz duas crianças dū vētre hūa naçera quebrada e / lavãdoa aqui nesta fonte ficou trãspassada / mas logo sã 1558.

No ano de 65 Jorge dias tinha hū f<sup>o</sup> o q̄l lhe / deu o ar e lhe punha a boca de tras e era offego / em 9 dias foi sãõ.

Gonça'lo d'ias naçoõ lhe huã esponja em 9 dias / jndo perã casa se achou sãõ e apa'pando lhe cajo na mão.

Gaspar Nunes tinha hū f<sup>o</sup> quebrado antes de 9 dias / cō esta agoa foi sãõ.//

(fl. 4) Lopo Glz m.<sup>or</sup> em pernãobuco não tinha f.<sup>os</sup> le / vou desta agoa a sua molher q̄ se lavace e be / bece q̄ terião f.<sup>os</sup> fello a molher cō boa fé e / cõcebeo huã filha e he ja casada t.<sup>as</sup> o p<sup>e</sup> João / de Mello e jrmão M.<sup>el</sup> tristão e Alvoroz piz.

Ant.<sup>o</sup> frz dezimeiro estando m.<sup>to</sup> mal de huã certa / emfermidade lavãdosse sarou e de hū lobinho / na mão esquerda e huã be-xiga jũto do olho t.<sup>as</sup> / sua molher e toda sua casa. / P.<sup>o</sup> Migēs sarou de hū lobinho jũto o olho em 9/dias t<sup>e</sup>. Tambem a huã negra de parto q̄ estava / p.<sup>a</sup> morrer cō a criança morta lha tirarão ē pedaçõs &tc.

Fr<sup>co</sup> Romeiro tēdo huã negra de parto q̄ lhe a / traveçoõ a criança foi a Igr<sup>a</sup> ecomendala a N. S.<sup>a</sup> / e prometeo de vir a negra

---

(5). — In A. B. lê-se "cana".

sarãdo sarou mas / a negra não quis cõprir a Romarja e morreo / doutro parto./

João V.<sup>te</sup> de Viãna de Lima teve destagoa 4 / annos e m.<sup>tos</sup> saravão dos olhos e doutras doêças. / O Ir.<sup>o</sup> M<sup>el</sup> (F.<sup>o</sup>) (6) tristão vjo hũ escravo cõ grãdes / chagas dalporcas felo por de giolhos e o lavou / e em poucos dias sarou. / Simão daveiro tinha hũ f.<sup>o</sup> m.<sup>to</sup> chagado tomou a medida de N. S.<sup>a</sup> e pos lha ao pescoço e ẽ tres dias / sarou./

Isabel piz tinha hũ f.<sup>o</sup> quebrado cõ agoa sarou/ Ant.<sup>o</sup> lopez tinha huã filha m<sup>to</sup> mal de huã perna / em 9 dias sarou, na era de 79 annos. //

(fl. 5) M<sup>a</sup> montr<sup>o</sup> tinha huã sua f<sup>a</sup> m<sup>tas</sup> verrugas nas mãos e em 4 d'ias sarou na era de 81 / hũ dos Gemeos de Sú sto (7) (Espírito Santo?) tinha hũ f<sup>o</sup> quebrado / cõ agoa de N. S.<sup>a</sup> sarou/ Gp<sup>ar</sup> Gtz pondese fogo jũto de sua casa e da / Igr<sup>a</sup> de N. S.<sup>ra</sup> estando jugando se deixou / estar dizêdo la esta a Sorã e tudo ardeo / ao redor e nada chegou as casas que eram de palma / hũ escravo de Ant.<sup>o</sup> dias Caçaõ quebrado sarou. / huã mulher de noite cõ dor dos olhos foi la e veo sã. / hũ homẽ pos fogo a huã Roça jũtde N. S.<sup>a</sup> e / o Hrmitaõ lhe disse que não puzece e foi tão grãde / q̄ chegou a queimar huã pouca de palma q̄ he / como polvora mas apaguece logo e no mesmo / tpõ q̄ o Hermitaõ apagou a palma se asendeo / a casa do homẽ em S. Amaro dahi meja legoa / e não lhe deixou nada e aos vezinhos naõ fez / nada.

M<sup>a</sup> Barboza Bautizo huã velha q̄ estava / morrêdo e sarou pondolhe desta agoa. / No mesmo dia sararão 4 q̄ estavão p(er)<sup>a</sup> espirar / e huã q̄ não quis q̄ se lhe puzesse morreo. /

huã jnd'ia cõ grandes chagas avia 12 anos / sarou, e o mesmo sarou huã f<sup>a</sup> de huã jndia. / Tudo isto foi tirado por t<sup>as</sup> de fee q̄ tirou o ad / ministrador /

#### Baya. Cap 7//

(fl. 6) Foi a baya fundada por fr<sup>co</sup> pr<sup>a</sup> e hia esta terra / muý prospera dando m<sup>tos</sup> asçucres e algodões / pao de brasil vierão os homẽs a se des / mandar fazêdo alguãs offenças a ds e agra / vos aos jndios e fr<sup>co</sup> pr<sup>a</sup> mãdou matar / a hũ f<sup>o</sup> de hũ principal grande e p<sup>r</sup> isso lhe / derão os jndios Gerra e o botarão da terra / e se acolheo a porto segr<sup>o</sup> e tornado pedio / pazes e os jndios não qui-

(6). — No A. B. lê-se — “O Irmão M<sup>el</sup>. tristão”.

(7). — No A. B. lê-se — “S t”.

zerão e deulhe hũ tpõ dentro no porto q̄ deu cõ elle a costa em tapigipe e ali o matarão amarrado / por mão de hũ jrmão do moço q̄ elle mãdara / matar de idade ate de 5 anos q̄ o ajudarão a ter a espada e 2.º dizê o não comerão./

Depois veo D.º alz Caramuru e seu genro pau'o dias e os receberão os jndios por / serê bõs homês e de verdade e assi tornarão / a povoar aqui rezide sēpre o G<sup>dor</sup> e bpõ / e he cabeça. ha nesta baya perto de / 50 emgenhos dasucre em hũa Mare / saē as vezes 18 naos cheas dasucre ha / duas villas afora a Cidade.s. a villa velha / e pariipe afora m<sup>tas</sup> fregezias e povoações / grandes. Tem m<sup>tas</sup> vaquas, ovelhas e / cabras, porcos galinhas, veados, m<sup>to</sup> peixe / e caça do mato .s. porcos, antas, lebres, coelhos, e outros diverços //

(fl. 7) ha muitos escravos da guine e (dafrica) (8) tē grãde / sertão onde dizê ha grandes minas assi / de metal como dalabastro m<sup>to</sup> salitre cristal / e outra pedrarya esmeraldas e tudo se cria / nesta terra. ha brazil inda q̄ lōge / pao santo de bõ cheiro e m<sup>tos</sup> sandalos pao da China / o resto muito Meixuacao é fino chamaõlhe os / naturais giticuçuna. batata grãde e cõ / ella se purgão é todo o brazil q<sup>do</sup> algũs doētes / inda q̄ são poucos por ser a terra sadia. / ha ervas de m<sup>ta</sup> vertude e pera cõtra peçonha / ha (45) (9) annos q̄ foi povoada a baya tē m<sup>tos</sup> rjos e o de paraguaçu vê de alguãs 300 legoas / do sertão. vão navjos de mais de 200 tonella / das por elle assimia alguãs 12 (l<sup>egus</sup>) (10) e mais / e o mesmo pelo de Jaguaripe tē este ryo ao lōgo / m<sup>tas</sup> fruitas e tão bẽ m<sup>tas</sup> cobras e huã se achou / nelle q̄ tinha na barriga dous porcos e huã / paca q̄ he como grande lebre ha tão bẽ por / cos espinhos como os de africa inda q̄ destes / poucos, tb onças, tigres, Antas ha m<sup>to</sup> genero / de passaros grandes e algũs como hũ grãde pato / m<sup>to</sup> mel e tudo em abundancia do q̄ assimia disse / Esta este sertão povoado de diverssos gētios / e algũs tē cõnosco paz como são algũs Tapuyas //

(fl. 8) O 1.º G<sup>dor</sup> q̄ veo ao brazil foi Thome de Souza / e a (percorreu?) (11) cõ m<sup>ta</sup> pax é 5 anos. Está a baja em 13 graos /

#### Cap. 8 Pernãobuco 7. povoação

Depois de povoadas as cap.<sup>tas</sup> assimia se povou / pernãobuco per duarte Coelho cõ molher e f<sup>os</sup> / tē o mesmo q̄ na baya mas tē m<sup>to</sup> pao brazil / e o mais fino q̄ naq̄las partes ha tē algũs / 70 emgenhos

(8). — “da terra” — lê-se in A. B.

(9). — “45” in A. B. — o estado do papel não dá atualmente para leitura.

(10). — À margem da linha há uma observação “N. B.” e ao fundo da página uma conta — 1549 + 45 = 1594.

(11). — Lê-se “povoou” in A. B.

dassuquar e tē muito mais co / mercio cō portugál por estar mais perto q̄ está ē 8 (?) graos da b̄da dosul e saē as vezes / ē hua maré trinta naos carregá / das dasuquar.

#### Ilheos (12) 8.<sup>a</sup> povoação

.S. Jorge foi de Jorge de figueiredo fidalgo / e a mandou povoar por hū Jōo dalmeida esta / 30 legoas da baya he boa terra tē m<sup>tas</sup> agoas / pera emgenhos tē m<sup>tos</sup> Gaiamures q̄ dão m<sup>to</sup> tra / balho aos moradores q̄ sēpre andão cō as armas as costas esta em 14 graos e 3 terços. /

#### Ryo de Janr<sup>o</sup>

Foi a pr<sup>a</sup> cidade que povoou e: Rei dom Sebastião //

(fl. 9) Deulhe grandes privilégios e detremtava de fazer muito nella tē boa barra e facelm<sup>te</sup> se pode guardar. tinhão o Ryo de Janr<sup>o</sup> os frã / cezes povo ado e dizē q̄ esperavão depois de / isto bē forte como já tinhão ir esperar as / Naos da India q̄ he dahy m<sup>to</sup> perto foi po / voada por .s. (?) Estação de Saa e cō m<sup>to</sup> tra / balho e morreo depois de tomada e povoada / em guerra q̄ depois teve cō os tamojos foi / povoada esta cidade era de 1564. / Tem m<sup>ta</sup> artilharja e boa q̄ p<sup>te</sup> tomarão aos frãçeses parte levarão de pertugal he esta / gēte daqui muj guerreira e tē feito grãdes / cousas (em que se mostrarão) (13) muy esforçados cō / tra frãcezes e gentios tamojos. tē m<sup>to</sup> emfindo / brazil e m<sup>tos</sup> sandolos e do mais q̄ ha na baya / tē major sertão q̄ nhuã cap<sup>ta</sup> chamasse Ryo / de Janr<sup>o</sup> Porq̄ Martí a<sup>o</sup> de Sousa entrou / nelle o 1<sup>o</sup> de Janr<sup>o</sup> esta Cap<sup>ta</sup> era sua depois / diziaō q̄ S. A. lha cōprou mas naō lha pagou / segundo diziaō tē m<sup>tas</sup> frutas do Reyno .s. Marmelos figos, melões, uvas, trigo lētilhas v.<sup>o</sup> / e linho, rozas cravos está em 23 graos e 3/5 . . . . . (14) naos jūtas / cargadas de pao de brazil he m<sup>to</sup> farta de peixe / marisco e carne. Aqui esteve D.<sup>o</sup> flores / Baldes 6 ou 7 mezes e nūqua se sētio falta //

(fl. 10) cō estarē algūs 4000 soldados q̄ hiaō pera o estreito tē peixes de aRibação q̄ são coma grandes tainhas de pezo de 6 ou 4 aratēs / e he tão q̄ o cercão no RYi e toda a terra / se põe a escalar e salgar de dia e de noite / e asar e m<sup>tas</sup> vezes mais he o que se perde e / se não pode aproveitar como vi Ja por 2 / vezes emcherē se mais de dozetas canoas muy grãdes e isso tres vezes no ano. /

(12). — Leitura do A. B.

(13). — Pela leitura do A. B.; o papel atualmente está ilegível nessa passagem.

(14). — Ilegível — no A. B. lê-se: “já partirão deste porto 20”.

Cap. 11. Da Governança

O 1.º G<sup>dor</sup> foi Thome de Sousa e foi tomar re / sidencia aos ..... (15) S. A. / q̄ os fidalgos ... (16) sētēciasse ate ir / de lixa foi bēquisto e Regeo bē ē 5 annos / foi mui pobre per, tudo dar a pobres e tal / foi q̄ avēdo m<sup>ta</sup> necessidade de roupa deu / a capa pera se cobrir huã molher / O 2.º dom Duarte da Costa governou bē mas / em seu tēpo se começaram as Gerras e so / geitou a cerco toda a gēte da baya foi o 1.º q̄ mandou descobrir sertão e trouxe-rão / alguas pedras de valor mas como el Rei / não querja q̄ se descobriſſē cousas semelhātes / tudo se atabafou. Aqui veo huã Nao da India S. paulo, veo outra em q̄ vinha dom Luis / e ficou m<sup>ta</sup> gēte della, governou .5. annos, Em seu tpō veo / o 1.º bpō e 7 p<sup>es</sup> da Comp<sup>a</sup> e se fizerão emgenhos //

(fl. 11) O 3.º foi Men de Saa Governou 15 annos venceo / m<sup>tas</sup> Gerras de franceses e Indios tomou o Rjo / de Janrº aos francezes vezitou duas vezes / a Costa, Em seu tpō se fizerão m<sup>tos</sup> enge / nhos vierão algūas 3 Naos da India em / tpō saio m<sup>to</sup> Ambar, foi muy devoto todas / as somanas se confessava e ouvia cada dia missa / rezava oofício devino cada dia de jeolhos e / duas horas (parte de) (17) manhã vinha a Igr<sup>a</sup> (18) do Col'egio / q̄ fez a sua custa defendeo mais os Indios / que todos. Em seu tpō veo o bpō Dom pº Leitão / morreo em Março de 72 /.

O 4.º G<sup>dor</sup> que ouvera de ser foi Dom Luis q̄ / matarão os franceses. /

O 5.º foi Luis de britto Dalmeida Em seu tpō se / descobrē o sertão dos ..... (19) e se descobrio o salitre e m<sup>tas</sup> pedras de (pres-so) (20) alguās / de valor, defendeo os Indios ainda que deu / Gerra a alguās 4 aldeas ē q̄ os p<sup>es</sup> estavão / p<sup>a</sup> os conv(er)... (21)

O 6.º foi L... da Veiga (22) foi m<sup>to</sup> amigo da Cristādade / e bē quisto e *não disfarçava de dezer a devo / ção que lhe causava o ver comūgar a gente das al... (23)*

(15). — Ilegível — no A. B. lê-se: "Capitães e mandou".

(16). — Ilegível — no A. B. lê-se: "não".

(17). — Escreveu-se in A. B. "ante".

(18). — A palavra igreja — Igr<sup>a</sup> — está entrelinhada.

(19). — Ilegível — "Tapuias" na leitura do A. B.

(20). — No A. B. não se fêz a leitura da palavra.

(21). — Papel totalmente arruinado: "converter" no A. B.

(22). — Lourenço da Veiga — papel arruinado e não se leu no A. B.

(23). — O grifado é leitura diferente do A. B.: "não se fartava de dizer a devoção que lhe causava o ver comūgar a gente das aldeas q temos a cargo". "Aldeas" e o que segue não dá leitura pela ruina do papel.

O 7.º D M...el ..... quasi (24) 4 anos / faleção é ferº de 87.

Os 8.ºs //

(fl. 12) Abriose huã via e socedeo o bpº Dom Antº / Barreiros e Xpvão de barros provedor moor / e Martí Leitão ouvidor Geral Governarão pouco mais de 4 anos. /

O 9.º foi Dom frº de Cousa foi no anno de / 91.

### Cap. 12 dos bpadões

O 1º foi dom pº frz viveu no bp.º 4 annos / e cõ licença se tornava pera portugal / e foi mortº em vaza barris era bêquisto. /

O 2.º Dom pº Leitão bispou 14 annos veo na era de 59 ajudou mais q̄ todos os xpaaões / Correo a...ta (25) e tinha boa Capella e (deu ja) (26) / m<sup>tas</sup> ordens e fazia m<sup>tas</sup> esmolas. /

O 3º Dom Antº barreiros veo na era de 76 / he m<sup>to</sup> amigo dos pobres e (bem muito?) (27) gasta cõ elles / e o q̄ faz da, na repartição... falha cõ os p<sup>es</sup> da Comp<sup>a</sup> de que he m<sup>to</sup> amigo

### Cap. 13 Como (vierão os p<sup>es</sup> da Cõp<sup>a</sup> por mandado delRei Dom João 3.º) (28)

Os 1ºs padres vierão com Thome de Souza //

(fl. 13) trazia por regim<sup>to</sup> se acõselhase cõ elles nas co / usas de importancia e o mesmo mandavão os reis / passados aos G<sup>dores</sup> q̄ forão ao brazil ategora.

O pº M<sup>el</sup> da nobrega sup<sup>or</sup> foi o 1.º o pº Joanes de Esculpieta / antº piz, Leonardo nunes / e o Irº V<sup>te</sup> Roiz e o Ir Dº Jacome /

O pº Nobrega morreo de m<sup>tos</sup> trabalhos frios e / agoas q̄ passava m<sup>tas</sup> vezes despedindose hũ / dia antes da gente do Ryo de Janrº e de seus / amigos e ao outro dia morreo dando he todos / os sacram<sup>tos</sup> q̄ elle pedio lhe acudissê de preça &etc. /

O pº Joanes morreo pregando o evãgelho alguãs / 200 legoas pelo sertão dentro cõ m<sup>to</sup> trabalho /

---

(24). — Manuel Telles Barreto — não se leu in A. B.

(25). — “Costa” in A. B.

(26). — “dava” in A. B.

(27). — O A. B. não leu.

(28). — Leitura do A. B. — a ruína do papel torna impossível a leitura.

O p<sup>e</sup> Ant<sup>o</sup> piz da mesma manr<sup>a</sup> e fundou per / naobuco o p<sup>e</sup> Leonardo Nunes tão bẽ em serviço dos Indios o p<sup>e</sup> D<sup>o</sup> Jacome tão bẽ tãdo / a cargo duas aldeas muy grandes. O p<sup>e</sup> V<sup>te</sup> Roiz / he jnda vivo. Vierão no anno de 1550 /

Depois veo o p<sup>e</sup> Luis dagora Sup<sup>or</sup> e o p<sup>e</sup> Bras L<sup>co</sup> / o p<sup>e</sup> Ambrosio piz, João Glz o Ir. Joseph Anchieta / Ant<sup>o</sup> b'lasques vierão cõ Dom Duarte da Costa / era de 1552.

Os 4<sup>os</sup> O p<sup>e</sup> João de mello, Ant<sup>o</sup> Glz M<sup>el</sup> viegas / V<sup>te</sup> fiz e o Ir Joseph e estes veirão cõ o bpo. /

O p<sup>e</sup> Qurino caixa, Ba'tesar alz / o Ir. Sebastião de pina cõ Estacio de Saa era de 63. //

(fl. 14) 6.<sup>o</sup> O p<sup>e</sup> Inatio dazevedo visitador & Marti / cõ seus companheiros .s. Amador Glz Ant<sup>o</sup> / da rocha, Baltezar frz e a'gũs novicios p<sup>a</sup> / receberẽ vieraõ cõ Xpvão de bairos E. 66 /

7.<sup>o</sup> foi o p<sup>e</sup> Inatio Tholosa provẽcial cõ seus / companheiros .s. G<sup>lo</sup> Leite Marti da Rocha / o p<sup>e</sup> Xpovão ferrão o p<sup>e</sup> Cordeiro e algũs novicios / era de 72 cõ Xpvão de bairos G<sup>or</sup> que hia / p<sup>a</sup> o Ryo de Janr<sup>o</sup> e Ant<sup>o</sup> Celema cõ alçadas /

8.<sup>os</sup> O p<sup>e</sup> Joseph morinelo sup<sup>or</sup> e o p<sup>e</sup> Lionardo / armineo o p<sup>e</sup> fr<sup>co</sup> Lopez p<sup>e</sup> Bautista Jeronimo / Nunez e Ir. Tavora trouxerão m<sup>tas</sup> reliquias era 75 /

9<sup>os</sup> O p<sup>e</sup> Orteaga, o p<sup>e</sup> Castilho, Garcia P<sup>o</sup> / Tholedo era de 76.

10<sup>o</sup> O p<sup>e</sup> Gregorio Sarraõ pcurador q̄ foi a Roma / forão cõ elle dous p<sup>es</sup> e dez Irmãos era de 78 /

11) O p<sup>e</sup> Xpvão de Gouvea visitador e o p<sup>e</sup> fernão / Cardim e... (29).

Os 1<sup>os</sup> p(ro)viciais foi o p<sup>e</sup> M<sup>el</sup> da nobrega 2.<sup>o</sup> Luis da / grã o 3.<sup>o</sup>

o p<sup>e</sup> Inatio... (30) dazevedo morreo / cõ 12 Ir<sup>s</sup> no mar por...

(31) herejes o 4.<sup>o</sup> o p<sup>e</sup> Inatio de tholosa 5.<sup>o</sup> Joseph anchieta 6.<sup>o</sup> Marçal / beliartes, Todos são inda vivos se não M<sup>el</sup> da / nobrega e Inatio dazevedo. //

(fl. 15)

#### Cap 14 Como vieram frãçeses

Por causa do m<sup>to</sup> pao e pimeta gemgibre e algo / daõ veo Monsier de Villa Galhão grão capitão / por mandado segũdo d'izẽ de Rej se-

(29). — No A. B. leu-se “Barnabe” deixando de se ler a última palavra.

(30). — Falha do papel. Não foi lido no A. B.

(31). — Ilegível. No A. B. leu-se “mãos de” e duvidosamente.

cretam<sup>te</sup> fez / huã gr̃o fortaleza no Rio de Janr<sup>o</sup> esteve a'i / 4 ou cinco annos e cada anno mandava 22 / 24 naos cargadas, mandou elRei de por / tu gal fazer queixume a frança respondeo / elRei q̃ erão alevantados q̃ os botasse e os / matasse. e assi foi tomada por Mende Saa / estes algũas heresias semearão e quima / rão hũ delles.

A 1<sup>a</sup> Guerra foi em pernãobuco cõ gête ar / mada e duarte Coelho a defendeo cõ lhe / matar m<sup>ta</sup> gente.

a 2<sup>a</sup> no Rjo de Janr<sup>o</sup> deua Men de Saa que tomou o Villagalhão era de 60 estãdo já / os nossos pera deixar a Ilha por ser m<sup>to</sup> forte / sêtir̃o q̃ os Imigos fugião por cordas e cõ / animo emtão arremeterão q̃ os nossos já / não tinham mais q̃ hũ tiro de huã pessoa / de p<sup>o</sup> vora  
A 3<sup>a</sup> foi no Rio de Janr<sup>o</sup> estando Estacio de Saa por G<sup>o</sup>r de idade de 17 annos mas // (fl. 16) muj esforçado o cercarão m<sup>tos</sup> Tamojos e de / pois vierão 3 naos do Cabo Frio cheas de / tamojos e franceses muj embandeiradas / e artelhadas e atirarão lhe da Cidade e / forão causa q̃ huã nao deu a costa mas as / outras a tirarão cõ a mare os nossos bê de / zejavam ir por mar cõ as canoas a tomar lhes / as naos mas não podião q̃ estavam p<sup>o</sup> terra / cercados de Infenitos tamojos e a nossa / era pouca gente mas cõ tudo matarão lhe / m<sup>ta</sup> gente da sua e os fizerão fugir. /

a 4<sup>a</sup> foi neste mesmo Rjo e foi q̃ hũs Tamojos / principais forão a frança pedir socorro / a elRej mas elRej lho não deu e hũ sör lhes / deu 4 naos muj bê armadas cõ gête e assi / vierão ao Ryo cõ m<sup>tos</sup> tamojos por mar e p<sup>o</sup> terra esercarão huã nossa aldea de Chr / istãos mas tam bê foraõ cõ o pior posto q̃ / lhe largarão as casas custoulhes m<sup>to</sup> e a nos / pouco q̃ sos as casas queimarão q̃ não tinham / nada e huãs Imagês q̃ acharão quebrarão. /

### Cap 16 das Guerras cõ os Indios

A causa por q̃ os Indios se alevantarão e alevantão / he porq̃ por força lhe tomão seus f<sup>os</sup> e suas molheres //

(fl. 17) e escravos e o fazê oje em dia tẽdo empedido / infenidade de Christãdade e cõ m<sup>to</sup> Roim ex / exemplo e assi a bandeiras despregadas os vão / buscar cõ guerra injusta e as vezes cõ em / ganos e os que isto fazê zombão esetê por / honrrados e tãto que aconteceu não quererê / vir indios perq̃ sabê ja seus emganos se / vestê de nosso traje e abrê as coroas como / p<sup>es</sup> da Comp<sup>a</sup> p<sup>a</sup> assi os trazerê enganados / E portugues ouve q̃ se fizerão magarefes / repartindo hes carne homana e fazerlha comer / p<sup>a</sup> assi terê guerra hũs cõ outros e tẽrê esca / vos, e portugues ouve q̃ estando hũ gentio / cõnosco de pax emcheo o navjo e os levou a / outra parte e os

fez matar e comer a outros / seus cõtrairos p<sup>e</sup> cõ isto terẽ escravos  
e pax / cõ outros por onde agora fogẽ de jũto o mar / e todos os  
gẽtios estão pla terra dentro m<sup>tas</sup> / legoas por fugirẽ dos portu-  
guẽses /

1<sup>a</sup> Huã Gerra ouve em porto seguro grãde que / os nossos vēcẽrão  
aqui matarãõ os frades / de S. fr<sup>co</sup> mas depois fizerãõ pazes e elRej  
/ dom João 3.<sup>o</sup> mandou q̄ se ouvesse algũs escravos / desta Gerra  
se possessẽ ã sua lyberdade e algũs / destes principais forãõ mandados  
a este Rejno / e elRei lhes fez m. e os favoreçeo e folgou de os  
ver. //

(fl. 18) A 2<sup>a</sup> foi no Spu S<sup>to</sup> cõ m<sup>ta</sup> perda nossa e de dom / Jorge  
menezes capitãõ das malucas o q̄ vēcẽu (32) os castelhanos no fogo  
e elRej sêtio m<sup>to</sup> ser este / homẽ sentẽçeadõ a morte p<sup>o</sup> se criar cõ  
e'le / e disse ouvereis de tẽtar q̄ serviços me tem / feito mas não  
morra aqui mandajo ao brazil q̄ la morra e morreo dom João de  
Castelo / branco e m<sup>tos</sup> e o porq̄ foi isto foi a mo'her / de hũ prin-  
cipal q̄ hũ portuges se amãcebou / cõ ella isto publicam<sup>te</sup> e não lha  
querẽdo dar / o portuges a seu marido o Indio apelidou gẽte / e os  
matou aqui se perderãõ m<sup>tos</sup> emgenhos / e os fizerãõ emb<sup>ar</sup>car p<sup>a</sup>  
porto seguro /

A 3<sup>a</sup> foi em S. V<sup>te</sup> cõ m<sup>ta</sup> perda nossa tẽdo / os nossos pazes e ami-  
zade cõ os tamojos / tinhãõ jũtam<sup>te</sup> boas obras recebido delles /  
tãõ bẽ tinhãõ pazes os nossos cõ hũs Indios / q̄ chamãõ Tupinaquis  
os quais erãõ jmi / gos dos Tamojos querẽdo os portuguzes ter /  
escravos romperaõ gerra cõ os tamojos q̄ / era pouça gente e ajuda-  
rãõ os tupinaquis / mas na guerra q̄ forãõ dar nos mataram 40  
/ homẽs e m<sup>tos</sup> tupis donde se ve a just<sup>a</sup> qt<sup>o</sup> pele / ja e assi por  
m<sup>tos</sup> annos tiverãõ guerra os nossos / cõ os tamojos até q̄ se... (33)  
o Ryo de Janr<sup>o</sup> mas aos de S. V<sup>te</sup> lhes custou m<sup>to</sup> e assi forãõ bẽ  
casti / gados p' esta jnjust<sup>a</sup>... (34) fez op<sup>e</sup> Nobrega e o Ir. Joseph  
pazes cõ os tamojos / fronteiros //

(fl. 19) e ficou o Ir. Joseph em refens sinco mezes depois / elles  
quebrarãõ as pazes e assi daqui por deãte / sêpre os nossos forãõ  
vēcẽdo por terẽ a Just.<sup>a</sup> /

A 4<sup>a</sup> Gerra foi cõ fr<sup>co</sup> pr<sup>a</sup> na baya estãdo m<sup>ta</sup> / gente e naos  
no porto parecẽdolhe q̄ avjãõ de ir a pernãobuco detreminarãõ tomar a /  
Cidade indo elles quis ds q̄ arribarãõ e assi / souberãõ como os Indios  
querjãõ tomar a çidad / e vẽdo q̄ elles tinhãõ preguado

(32). — O A. B. tem transcrito "meteo".

(33). — Ilegível: in A. B. lê-se "povoou".

(34). — "Neste tẽpo" foi lido para o A. B.

gerra no / emgenho de João de bairros hũa legoa da / Cidade os  
portuguezes os forão seguindo / e matando m<sup>tos</sup> e algũs vierão logo  
de pax / e forão a gerra logo cõtra seus parêtes. /

A 5<sup>a</sup> tão bê foi na baya deu a Men de Saa em / paraguaçu por nos  
matarẽ tres homẽs dos / nossos depois de nos terẽ ajudado em al-  
guãs / gerras e assi desbaratou alguãs 70 aldeas / e o mesmo fez  
a algũ jêtio jũto a Cidade / e nos Ilheos assi q̄ elles foi o principal  
que / sugegou o gêtio.

### Rjo de Janr<sup>o</sup>

Estacio de Saa deu algũas gerras pr<sup>a</sup>m<sup>te</sup> em / huũ aldea q̄ tinha  
quinhêtos homẽs de guerra e / matou a todos e ao feitiçeiro q̄ estava  
cõfessado / e foi m<sup>a</sup> por dizer q̄ os cõfessados não morrião / dos  
nossos morreu hũ Indio e 2 portuguezes cõ o fogo &tc. //

(fl. 20) Em outra p<sup>te</sup> matou algũs 200 Indios cõ hũ salto / q̄ deu  
tomou mais 2 aldeas cõ m<sup>tos</sup> pricipais / q̄ os mancebos estavam jũto  
a nossa Cidade / fazêdo nos siladas mas êtretãto sê os nossos /  
saberẽ disso lhe derão nas aldeas e as desbara / tarão.

Indo Martĩ a<sup>o</sup> a guerra pla paraiba mãdou / a sua molher q̄ he por-  
tugueza e elle Indio que fosse nas canoas q̄ elle hia por terra ella  
leva / va consigo 3 canoas e pouca gête (êcõtrou) (35) cõ / nove  
fez ela logo o sinal da Cruz e come / çou de pregar e animar na lin-  
goa do gêtio / e assi arremetêdo tomarão .3. e as outras fu / girão  
E assi se bẽzê sêpre os Indios na gerra / Mandou elRej de frança  
3 frades bernardos / catolicos e cõverter os seus no brazil mas /  
elles em o sabêdo os puzerão ã huã Ilha / cõ pena de morte q̄ não  
falassê e parece q̄ / morrerião.

De frades de S. fr<sup>co</sup> vierão aporto segr<sup>o</sup> / q<sup>do</sup> vierão os marcos e  
ahi pregarão mas / forão mortos e os Indios depois vestiã seus /  
vestidos e passeavão pla praja cõ os breviairos como q̄ rezavão q<sup>do</sup>  
vinhão as Naos / mas quis ds q̄ nũqua emganarão a ninguê Na /  
baya puerão estes nome a Ilha q̄ chamão dos frades //

(fl. 21) Na era de 83 e 86 fundarão mosteiros de / .S. Bento avera  
oje ate 18 e de .S. fr<sup>co</sup> ate / 16 dos descãços estão na baya hũs e  
outros / em pernaõbuco tẽ os de .S. fr<sup>co</sup> ja Casa e os / de S. bêto  
em os Ilheos e querẽ povar (36) mais / Casas no Spũ S<sup>to</sup>

---

(35). — Leitura do A. B.

(36). — No A. B. transcreveu-se "fazer".

Numero dos Xpuaõs

Não se pode saber aserteza por q̄ ao prin / cípio não se screverão e jnda oje dizē / m<sup>tos</sup> p<sup>es</sup> q̄ pouco vaj nisso q̄ no Ceo se verão / e assi temos (37) pouco mais ou menos o n.º dos / q̄ se podião Bautizar cõforme ao q̄ achej escrito e he q̄ Na baya tinhamos doze / aldeas e a mais piquena era do dous mil e / de S. Ant<sup>o</sup> q̄ era a mais piquena. som<sup>te</sup> os p<sup>es</sup> / escreverão o n.º dos Bautisados e da era de 59 ate a de 83 se acharão sinco mil / Bautizados e assi se ouver de multrepi / car por 12 são sessenta mil posto q̄ algõs / sedesfizerão mais sedo. . . (38) de S. / Ant<sup>o</sup> jnda permanece mas desta gente / toda não avera oje mais q̄ ate sinco mil / almas em tres aldeas ora jsto so na Baya //

(fl. 22) cõ as nossas aldeas q̄ temos a cargo afora / os escravos dos portuguezes q̄ forão m<sup>tos</sup> mais / q̄ oje em dia os tomamos a nossa cõta como / se foramos seu cura Bautizandoos casãdoos / doutrinãdoos agora podem ver tão bem / q̄ se tera feito na cap<sup>ta</sup> do Spũ S<sup>to</sup> q̄ teve / e tē oje m<sup>to</sup> mais gēte e oje tera nove / mil almas dos Indios q̄ temos a carrgo / afora os m<sup>tos</sup> mais escravos q̄ ha na cap<sup>ta</sup> / e assi .S. V<sup>te</sup> o mesmo, Rjo de Janr<sup>o</sup> e / Ilheos, porto seguro, pernãobuco e as / mais Capitania e se se escrevera se pudera / ver o m<sup>to</sup> fruto q̄ os p<sup>es</sup> da Cõp<sup>a</sup> / naqlas partes fazē mas so ds o sabe / e os moradores daqlas p<sup>tes</sup> q̄ o cõfessão / Eexperemētão e jnda oje em dia se / podera entender m<sup>to</sup> mais nossa fee se / ouver governador zelozo q̄ ajude aisso / e atalhe a quē impede tamanho bē q̄ / m<sup>tas</sup> vezes se abrē portas grandes e ven / buscar os Indios sua salvação E o demonjo / por mejo de jnterece o atalha e faz (39) teer bõs / lanços. . . (40) q̄ em meu tpõ se perderã / hũ delles foi de alguãs quinze mil almas que / eu trazia no Rjo de Janr<sup>o</sup> e os deixei vindome //

(fl. 23) diante cõ (seis) (41) mil e tãtos a lhes fazer mātīm<sup>to</sup> p<sup>a</sup> / os tornar a buscar e sabēdo isto os portuguezes / se forão ao cam<sup>o</sup> dizēdo hiaõ a outra p<sup>te</sup> dar / gerra Eelles etēderão o emgano e assi lha / derão pr<sup>o</sup> cõ lhe matarē mais de vinte por / tugezes e vierão se sē nada / Outro lanço foi Na baya indo p<sup>es</sup> e cõforme / a gente e aldeas q̄ trazião vinhão alguãs / perto dos p<sup>es</sup> trinta mil almas mas a gēte / de pernãobuco os estrovarão e pregarão / cõtra os nossos p<sup>es</sup> e lhe fizerão tãtã força / q̄ se fossē logo sē gēte q̄ esti-

(37). — “Tirei” in A. B.

(38). — Ilegível: no A. B. lê-se “so aldeã”.

(39). — No A. B. lê-se, em vez de “e fas”, “a sos”.

(40). — No A. B. lê-se “apontarei”.

(41). — “Sos” in A. B.

verão em / risco de os fazer matar mas ds castigou / o capitão q̄  
jũto de sua casa moreo de morte supitana e não bastou dizerẽ que  
/ os g<sup>dores</sup> lhes punhão grandes penas a quẽ / os estrovasse e q̄ le-  
vavam excomunhões / do bpo como tudo era vdade mas esta gẽte  
/ no sertão (he cousa de espantar) (42) p<sup>o</sup> q̄ pare / ce gẽte sẽ ds e sẽ  
Rey nẽ o pode saber senão / quẽ os vjo e Experemẽtou. /

A 3<sup>a</sup> ocazeão foi pouco ha da gẽte de Ceri / gipe q̄ erão mais de vinte  
mil almas E / tinhão ja mandado dous recados aos nossos / p<sup>es</sup> q̄  
so fossẽ buscar p<sup>a</sup> nossas aldeas q̄ dou / tra manr<sup>a</sup> não avjão de vir  
ate q̄ os p<sup>es</sup> se de / terminarão e pedirão ao G<sup>do</sup>r Me<sup>l</sup> Teles liçẽça //  
(fl. 24) Dada a liçẽça cõ m<sup>to</sup> gosto dos moradores e pobres / pois  
todos se servẽ deles e p<sup>a</sup> o bẽ cõmũ querẽdo os os nossos p<sup>es</sup> t a carrgo  
porq̄ todos os mezes / saẽ quatrocẽtos e quinhẽtos Indios nabaya /  
das aldeas a trabalhar aos protugezes por seu / premjo .S. hũ mez  
por hũ cruzado pouco mais / ou menos e cõmũ he q̄ nunca lhe pa-  
gãõ. ora / o alvoroço dos nossos não foi menos e eu que / tinha es-  
perãças de ir ajudar a buscalos eis / q̄ aviados os p<sup>es</sup> p<sup>a</sup> partirẽ se  
lhes atrave / ssarão a lhes tomar adianteira çẽto e vĩte / e tãtos por-  
tugezes cõ algũs trezẽtos e tãtos / escravos seus frecheiros nẽ bastou  
penas / de Governador nẽ nada p<sup>a</sup> q̄ se tornassẽ e chegarão ate suas  
casas q̄ são alguãs 30 / e tantas legoas da baya .S. das nossas aldeas  
/ aos quais os Indios sairãõ aReçe / ber como he seu costume elhes  
fizerãõ huã pra / tica q̄ se tornassẽ embora q̄ não haviãõ de / ir cõ  
elles e q̄ ja sabiãõ seus emganos cõ os / quais estavãõ os emgenhos  
e cap<sup>tas</sup> povoa / das mas elles não avjão de ir se não com / os p<sup>es</sup> da  
Comp<sup>a</sup> e hũ lhes disse que ali hiãõ / p<sup>es</sup> da Commp<sup>a</sup> dizẽ ellos os p<sup>es</sup>  
não vẽ cõ armas / e assi os nossos começarãõ p<sup>o</sup> mal erẽderãõ logo  
huã piquena aldea mas creçeõ logo tãta gẽte / q̄ veõ e algũs frãçezes  
dehuã nao q̄ ahi estava que / a todos os matarão esos a sete per-  
doarãõ, p<sup>o</sup> aqui se pode julgar o mais e ver logo o castigo de ds. //

### Sítio do Brazil

(fl. 25) Esta dap<sup>te</sup> do sul dous graos de Equinocial E / vaj se estẽ-  
dendo p<sup>a</sup> o sudeste até 55 graos / q̄ he oestreito de Maga hẽs de  
modo q̄ parte / fica situado debaxio da zona torrida Ep<sup>te</sup> / debaixo  
da tẽperada cuja costa corre de / ocidente pera o oriente olhãdo  
sẽpre p<sup>a</sup> / o Norte Elinha equinocial começando de / 36 graos Eos  
acaba Nos 20 do Norte e Sul / Eda hi olha pera o oriẽte te 23 graos  
quasi / sẽ descrepancia alguã e dahi olha quasi ate os 55. p<sup>a</sup> o Les-  
sueste ate Entestar / cõ o estreito de Magalhaẽs e da bãda do sul

---

(42). — O parêntese é do próprio texto.

/ cõ fina cõ os espanhoes e cõ m<sup>ta</sup> gente q̄ / no meo fica não tratada  
nē conhecida O / Mar oceano he o q̄ deuide Angola e cõguo / e cabo  
de boa esperãça os quais lhe ficão / de Rosto e seu oposito e polla  
bãda da / terra dentro a deuide. he esta terra do / brazil m<sup>to</sup> sadia  
e lavada cõ os vêtos nordes / estes lestes e suestes q̄ são os cõmuús  
êtrã / as dez horas ecesão a meja noite p<sup>o</sup> causa / dos muitos arvo-  
redos montes e vales q̄ causão / hūs nevoeiros p<sup>o</sup>las menhãs q̄ co-  
mũm<sup>te</sup> vê ã chuva //

(fl. 26) cõ q̄ a terra fica m<sup>to</sup> fresca. As arvores sēpre / tē folha.

### Rjios

Ha tãtas fontes q̄ fazē m<sup>tos</sup> rjios e o 1.<sup>o</sup> EMajor / he o Rjo da prata  
esta ã 35 graos tem / 35 legoas deboca E m<sup>tas</sup> legoas bebēsuas /  
agoas no mar q̄ tal furja tras dizē q̄ vê / de hua legoa deste sertão  
m<sup>to</sup> Rica de / ouro por esta terra estão alguãs Cidades / de Espa-  
nhoes. Outro ã 19 graos bebē agoa tres legoas / delle na salgada no  
mar Eleva hũ muro / devidido de mea legoa. / Rio de .S. fr<sup>co</sup> esta ã  
12 graos tē mea legoa / de boca bota 3 legoas agoa doce de fũdo /  
E 70 legoas navegão navjoas p<sup>o</sup> elle aRbia / tē huã Cachoeira ã sima  
de 400 braças / em alto m<sup>to</sup> a pique este dizē p<sup>o</sup>cede da / alagoa q̄  
vaj ter ao Rio da Prata. / Ha outro m<sup>to</sup> grãde 50 legoas deste tē  
m<sup>to</sup> / gentio bē podē navegar navjos tē 7 legoas / de boca entra no  
oceano ao Norte bota / 50 legoas a dêtro agoa salgada aqui / emtão  
2 Rjos q̄ vê do sertão pelos quais //

(fl. 27) emtrão portugezes q̄ forão 250 legoas pelo / sertão ate não  
poderē pellos secos serē / m.<sup>tos</sup> /

Outro ha das almazonas meo grao da / Eqinocial pera o sal este tē  
30 legoas / de boca tē na emtrada m<sup>tas</sup> Ilhas e p<sup>o</sup> elle / abaixo vierão  
Castelhanos tē 600 legoas. /

Ha outros m<sup>tos</sup> grãdes mas não quero en / fadar posto q̄ estes são  
mais notados / Ha m<sup>tas</sup> bajas e portos q̄ não estão inda po / voados  
e tē m<sup>to</sup> peixe e cobras e lagartos /

### Cap 2 donde dizē ter esta p<sup>va</sup> pricipio

Sabē estes Indios q̄ o homē tē alma e depois / Se o home morrer  
dize q̄ (43) se ha de tornar diabo de / q̄ tē grãde medo e chamão  
lhe m<sup>tos</sup> nomes / .S. Cururupeba Anhãgua Tagojpitanga / algūs In-

---

(43). — Entrelinhado no texto.

dios esto (44) tē nos caminhos pītados e dizē se lho não ofereçe algũa cousa q̄ / ande morrer Eas vezes cuidão nisto E morrē / por terē grande eficazia na imaginação / Outros dizē q̄ depois de morrerē vão / suas almas a hūs campos m<sup>to</sup> fermosos cheos / de arvores e figuras e se ajudarão (45) cō outros //

(fl. 28) doutra nação mas os vē afastados e q̄ la não / aj tristeza se não cantar e bailar jūto do Rjo. / Tē noticia do deLuvio e dizē q̄ todo o mūdo se / alagou so ficou hū Irmão e huã Irã pre / nha esta parjo e se multipicou tāta gēte / e a causa de aver deluvio foi q̄ ds se enojou / e o tamãdua q̄ chamão f<sup>o</sup> de ds sobio pera / o ceo e levou huã enxada e do ceo cajo e cavou / tāto na terra q̄ se abrirão fontes e veo o de / Luvio Dizē q̄ ds faz os trovões. /

O comerē carne humana foi q̄ hū Irmaõ fez / enjuria ao cunhado não ossofreo o cunhado / matou e comeo e assi se dividirão cō gerras / O fogo dizē q̄ morreo hū homē no mato e se ajū / tarão os gaviões (46) e lhe tirarão os olhos e hū / lhe trouxe o foguo q̄. . . (47) Guaricuja Eassou / os olhos nisto veo hū f<sup>o</sup> e achou o pay morto / e os passaros fugirão e deixarão o fogo e dahi / ficou ē huã certa casta de pao donde elles / logo o tirão cada vez q̄ querē ferir fogo tā / presto como cō q̄<sup>l</sup>qr fuzil. / Outros dizē que do Jacu q̄ he como gallinha ficou o fogo por q̄ / tē o papo m<sup>to</sup> V(er)melho. / As redes Louça. . . (48) dizzē q̄ as deu o Tamanēdua de que tē grande medo e deu aos aos / Tapujas mas ē guerra lhe tomarão tudo odiabo dizē / q̄ he f<sup>o</sup> da Lua q̄ o fez em hū Lagarto, Jacarehe //

#### Mandioca f<sup>a</sup>

(fl. 29) A mandioca q̄ se criou em hūa arvore ha m<sup>tas</sup> / castas destā mandioca e he o māt<sup>to</sup> principal / do brazil, melhor q̄ Arros, Inhames milho e qlqr / outro mantim<sup>to</sup> e se se faz bē. tirado o trigo não / ai outro milho mantim<sup>to</sup> q̄ este pois he melhor q̄ / pão de Rala de mlho ou de mestura e he de boa / degestão por m<sup>to</sup> q̄ comão não faz mal esta mã / dioca he huã Rais groça como huã perna e do / mesmo cōprim<sup>to</sup> pouco mais ou menos 2<sup>o</sup> a terra he / a agoa q̄ se dela espreme Em V(er)de (49) pera se fazer / a farinha a pessoa ou animal q̄ a beber morre / mas se lhe derē a f<sup>a</sup> seca q̄ della se faz he cōtra / pessonha e sara logo e assi se da p<sup>o</sup> qlqr morde / dura de cobra ou outro veneno. aj outra casta / q̄ se come asada chamase

(44). — No A. B. em vez de “esto” está transcrito “o”.

(45). — Em vez de “ajudarão” está in A. B. “ajutão”.

(46). — No A. B. lê-se “gaivois”.

(47). — Ilegível: in A. B. escreveu-se “he hū”.

(48). — Ilegível: in A. B. lê-se “e mais cousas”.

(49). — Deixou de ler-se in A. B.

ajpi he boa como / castanhas e melhor q̄ batatas. / Ralão esta mã-dioca como sidra e a metê / em hus saquitês de cana espremēna bē e cozēna / em alguidares grādes e fazē algūs bolos como / obreas. O olho desta f<sup>a</sup> fica como manjar / brāco e seca he m<sup>to</sup> gostosa fasçe pão della / Da Carima q̄ he a Rais seca se fazē amēdoados / cousas doçes e o mais Ese faz pão cō aRoz / mesturado Esta seca botão e mesturão cō / aoutra q<sup>do</sup> querē q̄ se cōserve p<sup>a</sup> longe como / q<sup>do</sup> a trazē p<sup>a</sup> portugal os marinheiros ou q<sup>do</sup> / vão aguerra Ep<sup>o</sup> isso lhe chamão f<sup>a</sup> de gerra esta / he m<sup>to</sup> mais roin q̄ afresca mas façe p<sup>o</sup> necessidade. //

(fl. 30) serve a Carima pera lombrigas dor de colica / e maleitas. A arvore da mãdioca he tão alta / como hū homē tē a folha como dedos e maõ e em / neçsidade se come cozida Dura em S. V<sup>te</sup> m<sup>to</sup> / na terra porq̄ he fria e no Rjo de Janr<sup>o</sup> eu ja a vi / de dez annos m<sup>to</sup> boa e assi se come aos 6 / mezes e se tē debaixo da terra q̄ he o seleiro / e q<sup>do</sup> a an mister a vão buscar aRoça e em a / rancando esta Rais p<sup>a</sup> a f<sup>a</sup> se o pao se mete / na terra daltura de palmo e m<sup>o</sup> e logo torna a dar / e por esta facilidade se não quer dar a gēte / principalm<sup>te</sup> em S. V<sup>te</sup> e Rjo de Janr<sup>o</sup> a trigo / q̄ oda m<sup>to</sup> bõ. / ha m<sup>tas</sup> castas de mi'ho Zaburro e outro q̄ he / bõ p<sup>a</sup> pão, M<sup>tas</sup> favas E feijões. /

*Tē m<sup>tas</sup> couves e toda ortalixa como Raboos / alfaçe cheiros (50)*

ha couves e de diversas cores não como as nossas / mas cō azeite são milhores q̄ as nossas tē m<sup>to</sup> / Inhamē, Batatas carazes, ha m<sup>to</sup> algodão e bõ / isto nascido da mesma provicia e m<sup>to</sup> gengibre / pimēta. / ha bananas coqueiros palmeiras dev<sup>o</sup> e daz<sup>te</sup> ha m<sup>ta</sup> cana dasuquar. //

#### Dos costumes e cazam<sup>tos</sup> cap. 22

(fl. 31) O gentio do brazil antes q̄ caze pr<sup>o</sup> ha de Matar / em gerra e a molher depois de lhe vir *seu costume* (51) / dahi a tres annos caza cō o matador e fazē / grandes festas de v<sup>o</sup>, cantar e bailar, acabado / o v<sup>o</sup> o pay da moça amarra huã rede grāde ē q̄ podē dormir duas pessoas a sua vôtade no / lomiar da casa e assi aq̄la 1<sup>a</sup> noite dormē / ahi marido e molher e de noite vē opay della / e corta o esteo dizēdo q̄ o corta p<sup>a</sup> que seus f<sup>os</sup> não nação cō Rabo E q̄ ja no esteo o cortarā êtão bebē os cazados v<sup>o</sup> q̄ te êtão não o / tinhão bebido dizēdo q̄ não parece bē aos / moços meterēsçe a beber e falar como velhos. / Depois Eas vezes lho fazē em piquenos furão / lhes

(50). — O sublinhado encontra-se riscado no texto. Não foi transcrito, por isso, natural e coerentemente, no A. B.

(51). — A expressão é entrelinhada, substituindo outra que foi riscada e é ilegível.

o beijo e poê huãs pedras verdes ou de / oços (52) lizos desta manr<sup>a</sup> e comũ cõprim<sup>to</sup> he de / hũ dedo de cõprido (figura). (53) estas pedras tirão de *dente* (54) de cristal cõ fogo / e por isso não fiquão tão finas e assi pode este / Indio já entrar êmcõselho e q<sup>to</sup> major buraco / tâto mais valête e assi fica mais honrrado. /

### Como os armão Cavaleiros Cap. 23

he tão... (55) o gosto que tẽ de matar q̄ por terẽ / nome se metẽ p<sup>o</sup> meo de frechas espígardas espadas e mais armas e aqui chega sua bêavêturãça //

(fl. 32) tomão o nome do morto Eq<sup>tos</sup> matarẽ tantos / nomes tẽ e nos vinhos os nomeão e tudo / he falar das gerras o q̄ fizerão e ande fazer / Q<sup>do</sup> matão não entrão logo na'dea ficão Em / uma cabana ate 4 dias q̄ se estão bê / cozêdo os v<sup>os</sup> emtão os velhos o vão buscar / sê balhos (56) mas ã emtrãdo na aldea as velhas / e moças cantãdo e nomeando m<sup>tas</sup> vezes o nome / q̄ tomou vaisse asêtar ã sua casa vẽ alli / hũ como padrinho cõ huã... (57) vem de pe hum / m<sup>to</sup> galante e como quẽ esgrimi lha mete na / mão e elle a põe debaixo dos pess e assi ha / de matar outros lhe botão hũ colar de cõtas / brancas ao pescoço de ossos de onça p<sup>a</sup> / q̄ corra a matar o cõtrairo ou fugir q<sup>do</sup> cõvẽ / coma onça. /

O 2.<sup>o</sup> caval'r<sup>o</sup> he q<sup>do</sup> ande matar Emterreiro os / contr<sup>os</sup> q̄ elle toma ou o pay da aof<sup>o</sup> p<sup>a</sup> que / mate e tome o nome a estas festas vẽ m<sup>tos</sup> deles (58) cõ v<sup>os</sup> e q<sup>do</sup> he tapuja ou p̄cipal vẽ de m<sup>to</sup> / mais lõge a ver a festa e o q̄ 1.<sup>o</sup> lhe toca na gerra / ou o frecha desse ha de ser e o mesmo heda / cassa porcos &tc. /

Antes q̄ chegue a aldea lhe fazẽ huã cabana / Evẽ alli as molheres todas a tomar nome nelle / porq̄ lhe dão... (59) e punhadas e depois o / tingẽ cõ huã tinta m<sup>to</sup> preta de genopapo / e almecega e ao outro dia entra na'dea cũ cordas bê amarrado e vai cõ quẽ o tomou logo lhe //

(fl. 33) da a f<sup>a</sup> se attẽ por molher e pera ter cuidado delle / ou parêta mais chegada inda q̄ seja virgẽ / e se an f<sup>os</sup> della matãonos

(52). — Ilegível: leitura do A. B.

(53). — Há uma figura desenhada. Não foi referida no A. B.

(54). — In A. B. está transcrito "dentro".

(55). — Ilegível: foi lido "grãde" in A. B.

(56). — "Dẽ trabalhos" é o que se lê in A. B.

(57). — Ilegível: no A. B. lê-se "espada".

(58). — "de lõge" é transcrição do A. B.

(59). — Ilegível: "pancadas" in A. B.

e tomão nome E tē para si q̄ as molheres não tē nelles nada / loguo depois q̄ vē cō os m<sup>to</sup> tangeres lhes mos / trão o q̄ o ha de matar e lhe dão sertos pera / lhe caçar e sostētar do q̄elle dezejaz e assi / esta gordo perq̄as vezes passão 2 annos / pr<sup>o</sup> q̄ o matē q̄ vão apelidando gēte p<sup>a</sup> o matarē elle vē fazēdo *de ruin* (60) Eatirãdo cō frutas mais feros e assi / durão as vezes 4 e 5 dias as festas comū / m<sup>te</sup> fazē casas novas grãde . . . (61) Edã lhe / por guarda hua molher q̄ não ha de conhe / cer p<sup>a</sup> q̄ assi se não aparte della e fuja / q<sup>do</sup> o tirão p<sup>a</sup> o matar lhe tirão as cordas todas / so lhe fica hã colar debaixo dos braços e a sua / molher lho põe e logo vē o q̄ ha deser seu marido / Ealeva p<sup>a</sup> sua casa daq̄le dia e he grãde / honrra ser molher de hũ . . . (62) de matar tígido de brãco pera q̄ a alma do Tapuja y não ētre nelle e assi fique livre. ealgũs fogē ē / este tpõ q̄ todos estão e por isso lhe tomam a molher aq̄la noite danlhe m<sup>tas</sup> frutas p<sup>a</sup> / tirar e tē liçença esmechar e matar se poder / neē p<sup>o</sup> isso tē mais pena . . . (63) m<sup>tos</sup> cavalr<sup>os</sup> //

(fl. 34) acõpanhão e tomão a espada e passão pelas per / nas e cabeça do q̄ ha de matar e o Tapuia ētão / a da ao matador. Se o q̄ ha de morrer he prĩ / cipal ou vaiēte faz alli hũa pregação dizē / do q̄ tão bē matou e as valétias q̄ tē feitas / e cō animo e esforço faz alli o moitĩ Eatira e dizē / q̄ não sēte a morte p<sup>os</sup> outros q̄ ja pregarão / lhe dizē e o cõsolão q̄ se farte de v(er) o sol q̄ / aq̄la hora soo tē de vida e da lhe no toutiço e cae logo no chão Elhe quebra logo a cabeça / vē logo ali as moheres trazer as mãos dos f<sup>os</sup> / p<sup>a</sup> q̄ elles algũ tpõ tome Tapujas. O debacho cortã logo e parte o mais em pedaços E levão pera / suas aldeas pera sela fazerē festas tão bē logo / se põe as velhas a chorar lembrãdo lhes seus mortos / e o matador se vaj logo deitar nuã rede E / jejua hũ mes cō mĩgaos q̄ são hũs caldos de f<sup>as</sup> / e farinha som<sup>te</sup> isto come Enaõ sae de casa se / não pera cousas necessarjas e assi fazē outras v<sup>es</sup> Ese tosqião e sarrastão p<sup>r</sup> galãteria. /

#### Cap. 25 de seus costumez

. . . (65) são leaes cō suas molheres nem / atētão p<sup>a</sup> as dos outros não pelejão nē tē men / chericos Eodios comū<sup>te</sup> e mais cousas he / aserca . . . (66) e assi como mais algũ mata algũa caça ou /

(60). — In A. B. lê-se “o morto”.

(61). — Ilegível: in A. B. transcreveu-se “terreiro”.

(62). — “Tapuja” in A. B. Ilegível no manuscrito.

(64). — Ilegível: “vê” in A. B.

(65). — Ilegível — “Estes não furvão” é leitura do A. B.

(66). — O A. B. tem transcrito “comū”.

peixe ou outra cousa logo reparte por todos os  $\bar{q}$  / abrãge e os chamão venhão comer &tc. não são luxuriosos posto  $\bar{q}$  algūs tenham m<sup>tas</sup> molheres he //

(fl. 35) por estado nē se achara hū que morra disso são m<sup>to</sup> / liberais e por isso tē mais nome dizē do  $\bar{q}$  os fidalgos não são esquaços comū<sup>te</sup> não olhão dr<sup>to</sup> (67) p<sup>a</sup> a molher  $\bar{q}$  não hesua e q<sup>do</sup> falão poē os olhos / no chã e não são cobicosos e se algū tē / algūa cousa cōtrairo do  $\bar{q}$  digo aRiba são algūs / escravos dos portugezes  $\bar{q}$  tomão de nos o Roin / inda  $\bar{q}$  poucos. /

He a sua lingoa m<sup>to</sup> copiosa a não ha cousa a  $\bar{q}$  / não tenham posto nome como dervas arvores &tc. / sua cōposição discrepa pouco da latina e regras / se algū acaso mata cō v<sup>o</sup> outro da mesma manr<sup>a</sup> / lhe fazē inda  $\bar{q}$  seja o principal e assi os parē / tes o em-tregão e sē mais odio posto  $\bar{q}$  sintão / se não logo se arma guerra e assi os chorão como se morresē de doença. /

### Cap. 26 dos Agoiros

Q<sup>do</sup> hū esta doente ou frechado o  $\bar{q}$  o doēte come / comē os parētes e se os parētes comē cousa / cōtraira diz o doente  $\bar{q}$  lhe faz mal. /

Tomã ohus cag<sup>dos</sup> poēnos debaixo da Rede p<sup>a</sup> / sararē Tomão outros como furões e pōe nos de / baixo de hū alguidar. Defumão se cō ervas q<sup>do</sup> / pare hūa molher pōe lhe o dedo pollegar / na boca p<sup>a</sup> os f<sup>os</sup> serē bōs frecheiros q<sup>do</sup> / vão a caça metē hūs paçarinhos debaixo / do esterco p<sup>a</sup>  $\bar{q}$  a caça não fuja e assi a matē / arrastão os f<sup>os</sup> pella palma p<sup>a</sup>  $\bar{q}$  não chore m<sup>to</sup> / q<sup>do</sup> a Lua he nova tomão hū pao e dão na terra / p<sup>a</sup> não terē dores q<sup>do</sup> parirē e lavão se ē hūa joeira //

(fl. 36) Jejuão o pai e māj q<sup>do</sup> lhe nacē os f<sup>os</sup> e q<sup>do</sup> lhes / cortão o embigo e sesão /

Se no v<sup>o</sup> pellejão não vão a guerra por agoiro o tē / As casas são de 30 palmos de largo e m<sup>to</sup> cōpridas / A  $\bar{q}$  fizer o v<sup>o</sup> ha de ser virgē ou moça / mas não se ajūta aqles dias cō o marido  $\bar{q}$  se o sabē não / lho beberão nē o fazē comū<sup>te</sup> se não moças e mas / tigãono e assi o cosē e he o v<sup>o</sup> de m<sup>tas</sup> manr<sup>as</sup> /

### Cap. 29

Em nacēdo a creança se he macho logo lhe pōe / hū arco piqueno e frechas a cabeceira da Rede / Q<sup>do</sup> Reçebē estrãgeiros cho-

(67). — Entrelinhado no texto.

rão nos e logo<sup>3</sup> lhes / partē suas roças e fazēdas e o mesmo fa-  
zē a / amigos e conhecidos se querē morar ē suas al / deas e casas. /

Suas mulheres V(er)dadr<sup>as</sup> são as f<sup>as</sup> de suas jrmas / não dos  
jrs e algũa vez tē 2 jrãs por molheres / q<sup>do</sup> querē fazer Roças fazē  
v<sup>o</sup> e assi bebē e trabalhão /

Descudeiros a molher he q<sup>do</sup> vai a Roça vai elle / diante e vē  
detras por amor dos cōtrairos / e elles som<sup>te</sup> cação pescão e de-  
Rubão o mato e / o mais fazē ellas. /

Se hũ cantor for bõ e trouxe novas inda q̄ / seja cōtr<sup>o</sup> he m<sup>to</sup>  
estimado as mo<sup>heres</sup> servē de tiperes (sic) e todos acabão a hũa  
pancada. / Chorão m<sup>to</sup> tpõ os mortos tomão nos nũ pote e emter-  
rão / nos e ali lhe levão de comer e chorão sobre ellas dei / xando  
o comer em sima e tudo q<sup>to</sup> ele tinha o enterr / ão cõ elle e se lhe  
algüē deu algũa cousã tornãona / p<sup>a</sup> seu dono /

As espadas cõ q̄ matão são assi (68) //

(fl. 37) L<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> Dos animais

### Veados

Os veados são de m<sup>tas</sup> castas hũs como os de / Portugal cõ  
12-10 esgalhos as femeas são / piquenas servē as peles pera botas  
e / algũas vi cozerē se cõ os nervos e fazerē hũ pano m<sup>to</sup> fermoço  
como iguala meri. /

### Corços

ha outros mais piquenos guaçu pitũga / não tē cornos e na-  
dão m<sup>to</sup> e o mesmo Guaçu etc / ha algũas doze castas e hũ q̄ não  
tē cornos / he como o pinta monardes deue ter pedras / cõ azar-  
es (69) /

### Antas Cap. 2.<sup>o</sup>

ha m<sup>tas</sup> antas huãs nadão m<sup>to</sup> e tē o fosinho / como trõba e  
fazē mal cõ os dentes as orelhas / como mulas sē rabo e do ta-  
manho de hũ as / no grãde as pernas grossas o esterco / tē como  
de cavalo e serve ē fresco p corrim<sup>tos</sup> /

---

(68). — Há dois desenhos representando duas espadas, com punhos diferentes.

(69). — No A. B. foi transcrito "pedras bazares".

### Cap. 3.º Dos porcos Montezes

ha m<sup>tos</sup> e de m<sup>tas</sup> castas e esta he a mais casta / q̄ ha tē hū buraco na metade das cadeiras como / embigo q̄ tē hū cheiro como de Rapozinhos / e por este cheiro vão os caês. Ha outra casta q̄ remetē a gēte e se mata come a carne, cō medo / destes se sobē as arvores q<sup>do</sup> se vē ē pressa. (70) //

#### Cotias

(fl. 38) ha tres castas hūas majores q̄ coelhos pardas / outras pretas no sertão e hūas m<sup>to</sup> piquenas / pardas e amarellas. /

#### Onças ou Tigres

Ha m<sup>tas</sup> a onça e o tigre tē 4 cores .s. preto / brāco Amarelo e pardo tē Rabo cōprido e a / barriga toda brāca as cores m<sup>to</sup> listradas a / cabeça mais de gato q̄ de outro animal comē / caçã e matão homēs e de tudo o q̄ matão / se fartão e he serto depois q̄ tē fome tornarē / a'i e assi lhes armão logo e vē cair logo / se não são algūas matreiras. A mão he / grande; hūa mão cō hūa piquena da jūtura se pezou e pezou sete arratēs tē m<sup>a</sup> força / e se dão cō a mão na cabeça de q̄lqr vaca / ou animal e amatão logo e a levão a Rasto / pera o mato Os Indios cuidão algūs que / já forão homēs como... (71) a homēs os cometē ate irē tiralos de casa como / vi no Rio de Janrº jūto da cidade matarē / tres pessoas em casa de M<sup>el</sup> de britto &tc. / tē grāde medo de caês e se lhe ladrão se / apegão as arvore e assi as matão mas / se lhe não ladrão facelm<sup>te</sup> matão os cães / de salto e he seu v(er)dadrº manjar vão se aos / remaços do mar e tomão peixe e hūa //

(fl. 39) vez se vio q̄ levava hū Tubarão pella / terra dentro e lhe comeo a cabeça. Hū Indiō matou hū bogio e foi o buscar a hūa arvore / botou o morto em baixo e o veo hūa onça e pe / lejou cō ella e lhe fez o morto (72) ella saltou / elle lhe furtou o corpo e pegou lhe pello pescoço ate q̄ vierão os companhr<sup>os</sup> caçado / res e a levarão e matarão em terreiro / Ha outras pretas e outras q̄ não / fogē da gente antes se deixa matar. Eu / vi algūas vivas e mortas e hūa q̄ andava / metida nagoa pelo giolho dando bofeta / das no peixe q̄ avja ali m<sup>to</sup> Eno Rjo de / Janrº contegeio ir hūa a nado e aRemeteo a hūa canoa onde hião tres moços Indios dous / pi-

(70). — Não foi lido no A. B.

(71). — Ilegível. Também não foi lido no A. B.

(72). — Leitura duvidosa: no A. B. não se transcreveu.

quenos e hũ de 14 anos e cõ hũ ar / co e frechas a ferjo e querêdo  
lançar mão / a canoa lhe deu o moço cõ o Remo e posto / q̄ bẽ  
quizerão fugir ella nadava mais cõ / tudo a matou o moço as fre-  
chadas e cõ o / Remo e vêdo Martí afoço de Souza Indio / prin-  
cipal o q̄ o moço fizera (moço se cha... (73) Paulo Tabajara)  
Pregou polla aldea de S / Lourêço o animo e esforço do moço que  
/ os pequeninos deitarão se na canoa coma / esmorecidos mas eu  
vi outros casos em / meu tpõ seme hãtes a este Eaj q̄ dizer m<sup>to</sup>. //

(fl. 40)

### Çarigues

Ha 6 castas andão de noite e comũ<sup>te</sup> as galinhas / e passaros  
aj hũs q̄ tẽ hũ como antipeito e toma / da m̃o e chegua quaize as  
vrilhas ali tem / hũ buraco q̄ em nacendo o f<sup>o</sup> loguo se entra / plo  
antepeito e toma sua mama q̄ a natureza / lhe emsina e nũqua as  
larga se não q<sup>do</sup> / são ja grandes parẽ comũ<sup>te</sup> 7 . 8 f<sup>os</sup> cada vez  
/ os machos não tẽ este antepeito tẽ hũ cheiro / gr̃de de rapozi-  
nhos são tamanhos como hũ / gato cazeiro hũs pretos outros pardos  
e por a / barrigua amarellos tẽ as unhas como caeës / aj outros  
ruivos e o rosto queimado os olhos / quaize todos fora da cabeça  
fiquão todos de / pendurados m<sup>to</sup> grandes tẽ 6 ou 7 tetas como  
/ vaquas a seu modo *por esta man<sup>ra</sup>* (74) e ã nacêdo / cada hũ  
toma a sua teta sã a largar estes / saõ daninhos chupão o sangue  
e nhua noite / destruiẽ hũ galinheiro ha outros m<sup>to</sup> mais piquenos.

### Tamandua

he como hũ bõ cão a maneira de galgo o Rabo / mais cõprido  
que o corpo e as sedas m<sup>to</sup> mais / groças q̄ as do porco e m<sup>to</sup> cõ-  
pridas e q<sup>do</sup> chove / ou faz gr̃de sol bota o Rabo por sima das  
costas e todo se cobre q̄ fica como hũa cabana todo auberto a  
cabeça piquena o focinho cõprido como //

(fl. 41) funil sua lingoa sera de tres ate 4 palmos / redonda as  
unhas são como dedos mas agudas / como punhal a tigre ou a  
q̄lqr cousa q̄ elle / lança mão despedaça os pes como homẽ e /  
assi espera sã temer nada e tem gande força tẽ duas manchas de  
preto e brãco o seu comer he / formigas cava cõ as mãos ã algũs  
formigeiros / e saẽ as formigas elle bota a lingoa fora / e deixa a  
emcher emtão come as os outros / piquenos e todos estes não corrẽ

(73). — “Chamava” é a palavra transcrita no A. B. atualmente ilegível.

(74). — O sublinhado não-se leu no A. B. A seguir à expressão está um desenho circular com diversos pontos. Representaria um úbere com as tetas assinaladas, em número de oito.

m<sup>to</sup> e mais / corre m<sup>to</sup> hũ homē q̄ elles. Os Indios não o comē / q̄ té agoiro. /

#### Tatu caualo armado

ha hũs m<sup>to</sup> grandes outros m<sup>to</sup> piquenos de m<sup>tas</sup> / especias ha hũs q̄ mais cavão cõ as mãos q̄ hũ homē cõ huã enxada q̄ vaj tras delle pello bu / raco a cavar e o tatu a botar terra p<sup>a</sup> detras / dessi e acõteceo em hũa fazêda andarē / 27 Indios cõ suas enxadas a acharão hũ e o não / podião alcãçar ate q̄ cõ hũ dardo o esperarão / jũto hũa cova por onde elle avja de passar e assi / fizerãobē dous Indios em o trazerē p<sup>a</sup> casa / q̄ era grãde são como cavalo no focinho e / todos andão cubertos cõ hũas cõchas como / laminas darmas brãcas de osso maciço nos pees / mãos e Rabo té o mesmo e não os passa frecha / ha outros m<sup>to</sup> diverços, tatupeba, tatugaa-xima tatu / pebucu, tatuapara este frechasse e não ha quē être cõ / elle se não nagoa. Monardes diz q̄ o osso do Rabo he bõ / pera febres mas como são m<sup>tos</sup> não abemos q̄l he odoperõ. //

(fl. 42)

#### Candu gulaçu porco espinho

Este he o poco espinho de africa té os espi / nhos como de palmo e m<sup>o</sup> e despedeos de si como / setas. São brãcos e pretos ha no sertão de Rjo de s. fr<sup>co</sup> m<sup>tos</sup> ha outros mais piquenos da / mesma manr<sup>a</sup> candu merj he como ouriço / cacheiro té penas mas não as despede / ha outros q̄ chamão cori de tamanho de gato té / o cabelo ralo cobreos espinhos q̄ té amarelos / e como lhe tocão os .arga e se metē polla carne / coma cousa viva este he o extremo cõ que / furão os Indios as orelhas. /

#### Bogios

O aquiqui he o major q̄ ha na provincia se / como moço de 18 ou 20 anos são m<sup>to</sup> louros / e se não tiverão rabo cõprido como té melhor / lhe chamarão gente p̄q̄ lhe não falta / senão falar té os braços pees corpo como / homē A sertas horas do dia se ajũtão todos / e hũ mais velho no meo começa hũ modo de / fala tão brava q̄ parece pregação e bota / muita escuma polla boca e pera isso estão / dous mais piquenos q̄ lha alimpão e todos / nesta tpõ calão e dahi a hũ pedaço q̄ elle / acaba todos gritão e se vão buscar de comer / Quando querē passar de hua arvore para / outra se esta muito afastada ou passar algũ / rio q̄ té arvores dambas as partes se ajũ- (fl. 43) tão // embrulhão hũs cõ os outros q̄ fazē como cadea / e assi se estão balançando ate q̄ chegão a outra / arvore e êtão arre-

meção dambas as bandas / e fazê ponte por onde passão os f<sup>os</sup> e os do / entes e como passão todos largão destoutra / banda e inda q̄ cajaõ rijo são muj ligeiros / e ã q̄lqr ramo pegão logo cõ o Rabo. Algũs / se os frechão os Indios em parte q̄ não mo / rra logo tira a frecha e torna atirar cõ ella / o bogio ao Indio e já cõteço matar bojio / Indio atirãdolhe de Riba cõ a frecha e assi / se afasta e escõde o Indio logo como o fere. / As femeas tẽ duas tetas e não parẽ mais q̄ / hũ e trazẽno as costas. Os beriguis sã tãobẽ grandes e fremosos tẽ os mesmos que / os de sima sã malẽ cruzados (75). aquiui / pitanga tẽ o mesmo ha outros mais piquenos / q̄ andãõ de noite. / oquiui sã m<sup>to</sup> fermosos e belicosos ha de 6 / ou 8 especias de bogios de cheiro q̄ chamãõ / Caj Çagui. /

Os saguis da baja sã piquenos como doninhas / E pardos mas o focinho como de bogio ha hũs / no Rjo de Jan<sup>o</sup> do tamanho de furões amarelos (e pretos) (76) / e o cabelo domado m<sup>to</sup> e acõteço p<sup>o</sup> diante de mj hũ bogio fazer grãde festa e afagar a hũ preto / q̄ avja tres annos q̄ o não vira e algũhora lhe dava de / comer e o cõntrairo fazia a outros pretos q̄ os mordia. //

(fl. 44)

#### Dos quatis texugoos deportugal

Este animal he mais inquieto e sofrego trepa p'as / arvores não corre m<sup>to</sup> he daninho quãto / morde se sã m<sup>tos</sup> cometẽ a gẽte trepãõ e tẽ / grãde força cõ as unhas e dentes ha outros q̄ tẽ dẽtes / como Javaris tẽ pelles pera forros boas que / parecẽ veludo tẽ tromba como de porco mais / cõprida e delgada. /

#### Gatos bravos

Tẽ hũ modo como de onça e tãõ bẽ comete a gẽte / sã como Gatos na cor mas cõ pinturas de / branco e preto sã tamanhos como hũ cãõ meão / ha outros como pretos maracuja merĩ. Ita / oca sã como onças e m<sup>to</sup> ligeiros tẽ hũ brãco / asafroado as pelles destes sã boas p<sup>a</sup> forros / ha hũs sinzentos tẽ tudo como lobo sã ligeiros / e vivos. Ha outros piquenos sinzentos tẽ os / dentes a modo de cerra. /

#### Dos coelhos

ha poucos porq̄ a caça os come sã como os / pertugal parẽ

(75). — Leitura duvidosa — no A. B. leu-se “mateconizados”.

(76). — A expressão entre parênteses foi acrescentado ao texto com letra diferente.

dous ate 3 duas vezes / no anno ladrão de noite como cães baixo / e os cães não tẽ faro.

### Dos ratos

ha m<sup>tos</sup> e comēnos os Indios Caguija. São como coelhos / piquenos da India pardos moltrepiquão m<sup>to</sup> aj a'gūs / grandes e de cores Mejuare caguija pixuna &tc.

(fl. 45)

### Maratacaca

he do tamanho de um gato cazeiro tẽ a feição / de furão o fucinho agudo e o corpo esquivo tem / plo fio do lombo como tres dedos de largura de preto / Eplas espadoas ate a mão o mesmo a mais hũ / branco asafroado e assi fica hũ modo de (77) / come bichos e passaros e ovos e faz m<sup>to</sup> p<sup>o</sup> / comer nas prajas em bay<sup>a</sup> (em bahia?) (78) todos os tēmẽ e o cõ que / se defende he que quando se ve em aperto / larga hũa ventuzidade q̄ basta pera matar / Como morrẽ algūs cães e toda hũa aldeia a / corda a seu cheiro inda q̄ estejam no mejo do çono / e de espaço de sincoenta braças e tal cheiro / fica ali nos paos pedras q̄ por m<sup>to</sup> tpõ se / não tira e assi acõteçeo a hũ padre q̄ deu em / hũ cõ hũ bordão e o bordão o desbastaão te / o mejo sẽ se tirar o cheiro e a Roupa por mais / escaldada q̄ foi se lhe não tirou o cheiro e / este p<sup>e</sup> não tinha sëtido de cheirar q̄ / ouve ja do ruĩ cheiro morrerẽ Indios. / Eassi faz hũa cova p<sup>a</sup> as necessidades / naturais e cobre logo m<sup>to</sup> bẽ para não ser sëtido. /

### Raposo Guaçom

Comẽ nagoa e ẽ terra passaros canas dasuqr / são feos e dorminhocos m<sup>tos</sup> mais animais ha / mas estes bastão. esta caça toda trazẽ os Indios aos f<sup>os</sup> p<sup>a</sup> q<sup>do</sup> forã grãdes não averẽ medo. y/

(fl. 46)

### Cobras da Terra. Giboja

São das majores emgolẽ hũ veado intr<sup>o</sup> são / pintadas cõ manchas pretas e pardas hua vi de / vinte pes de cõprido mas aj m<sup>to</sup> majores não / tẽ peçonha nẽ grandes dẽtes põe se nos ca / minhos a esperar a caça e lãsase sobre ella / e de tal manr<sup>a</sup> a aperta q̄ lhe quebra todos / os ossos e assi a lambe e a faz como limos E / a come. E se he anta q̄ he Rija metelhe o Rabo por detras e lhe tira as tripas. /

(77). — No texto está desenhada uma cruz.

(78). — A palavra, ainda que legível está riscada, percebendo-se o b, duas letras ay? e entrelinhada a letra a. Não foi transcrita no A. B.

Guira opí guara anda pollas arvores come ovos he preta plas costas e amarela pla barriga / estas saltão plas arvores. ha outra m<sup>to</sup> cõprida toda v(er)de nê té peçonha nê faz mal. /

Boitimapoã he delgada he parda he fea cõ / esta dam as mo- lheres aos maridos para terê filhos. Ha outra como a 1<sup>a</sup> na grandeza no Rari ando / estas té hũ cheiro como Rapozinho. / Outra Bajuna cõprida e delgada té o mesmo / preto e cheiro. Bom té este nome p<sup>o</sup> que quando anda diz bo não faz mal. /

Bojoçu pecangua cobra q̄ té espinhos plos / lombos estas assi- ma não té peçonha. /

### Jarereca

Destas ha m<sup>tas</sup> castas jareracaçu vi de dez / palmos de cõprido Eoutras de 4 dedos //

(fl. 47) de largo na cabeça todas té grãde preza / não as té senão escõdidas e cõ emgonços / ao longo da gengibra do beicho de cima / Ede baixo e q<sup>do</sup> mordê estêdēnas como / dedos de mãos q̄ estão emcolhidos e são vãos / por dentro mas a peçonha vê das gemgives / e corre p<sup>o</sup> hũ rego q̄ o dente té como eu vi / E a peçonha he ama- rel'a como agoa de a / safrão e no pao onde mordía a botava / isto foi a tarde q̄ então té mais força e os / q̄ mordê pla menhã comũm<sup>te</sup> escapão todas / té grande peçonha e crião m<sup>to</sup> e tal ouve q̄ / tinha na barriga sessenta e quatro f<sup>os</sup> comê rãs e bichos dizê q̄ a sua pe- çonha tomão / pella menhã do orvalho e por isso a tarde / esta tão refinada são todas pardas té / huã cadea preta pello lombo galante 2 / cabeça larga té aparêcia cõ as biboras / e assi saltão quando mordê as vezes. Da / Jareraca coatigua poucos escapão. /

Jareracapeba té a cadea vermelha mas he / de mais peçonha q̄ as outras assi ma ha / outras de palmo são como bazeliscos rois. /

### Çurucucu

he grande e mais peçonhêta té dētes como //

(fl. 48) de cão an medo grande os naturais desta e / loguo lhe em- terrão a cabeça fundo tem / ate 16 palmos, té no rabo hũa unha não / m<sup>to</sup> dura justaçe cõ as arvores ou paos en / tão como vê a caça ou homê salta nella e / lhe mete esta unha por baixo e lhe tira as / tripas e por isso logo o Indio acode cõ a mão / a se defender mas he por demais q̄ ella a / jũta a cabeça cõ o rosto do homê e tudo o q̄ morde cae logo podré tudo / o q̄ deila asserta de cair do bo-

cado. té lhe / os Indios grande aberrecim<sup>to</sup> mas cõtudo / comêna  
esfolada. /

Boitenigua haduas castas té em seus rabos / cascaveis que são  
p<sup>o</sup> bõ espaço e tãge quãdo / morde té grande peçonha corre m<sup>to</sup>  
são / groças e de cõprimêto dez palmos. Outras / são mais piquenas  
boitenjpeba tem / mais peçonha mordê de salto jütando a / cabeça  
cõ a ponta do rabo o remedio / q̄ té he cortarê logo o mēbro mor-  
dido pera / escapar se não té ahi logo cõtra peçonha. /

#### Ibiracua

São m<sup>to</sup> Rois de tres palmos são v(er)des e / algũ tanto branco  
estão e tocas das arvores / e como mordê logo o sangue sae plo  
corpo ate / q̄ se escoa e morre a pessoa. / Ibibiboca

#### Ibibiboca

(fl. 49) he a mais fina pessoa de todas mas não faz / mal co-  
mũmête e se morde poucos escapão têm / hũ fino v(er)melho e  
brãco e preto piquena e re / donda té de cõprido comũm<sup>te</sup> tres pal-  
mos andão entre / taipas de barro ou de casaes comũm<sup>te</sup> mas ha  
poucas /.

#### Ibigyara

he tão groça na cabeça como no rabo não té olhos / té cova  
materna q̄ fura e se morde he fina a peçonha. /

#### Cap. das aves Araras

he hũ genero de papagajo e chamão os portu / gezes macão  
são v(er)melhos e amarelos e azuis / são grandes como grãdes ga-  
viões e o rabo tem / as penas da mesma cor dalgũs 2 palmos de  
cõprido / falão bê claro e voz grossa. /

#### Caride

Tem todas as cores e he do tamanho do assima e falão. /

#### Arauna

São como os de assima mas pretos e manr<sup>a</sup> de v(er)de / por  
sima q̄ lhe da m<sup>to</sup> graça. té. os pees amarelos / e. o bico vermelho e

os olhos he muj fermoso e / ha muj poucos té esta pvã ,provincia?)  
m<sup>tas</sup> .s. /

Araçam, ajurucuro he verdadrº, Aiurúi, Corica / Maracanaguaçu  
Maracanamerí. Toís grandes / e piquenos diverssos, Jandaj ete Jand  
Juba / ha hūs amarelos dentro no sertão e valē m<sup>to</sup> hū val //

(fl. 50) dous escravos té os emcōtros das azas verdes e / rabo e o  
bico branco não falão tão bē como os / outros mas té suas cores  
mas finas /

#### Japu, Japioba, Japiuna

São pretos pello corpo e amarelos nas azas e / emcōtros as pe-  
nas do rabo grãdes estes são / m<sup>to</sup> estimados a pena pera remate de  
suas / carapuças por ser fina ha os nos Ilheos e / criação em os mais  
delgados ramos das arvores / e fazē hūs sacos de musgo e assi estão  
de / pendurados por amor das cobras edoutras / cousas e assi são  
os mais dos ninhos dos pa / ssaroa do brazil. /

#### Japu, outra casta

he preto o rabo amarelo e os o'hos ao redor / brancos e formo-  
zos té o bico amarelo são no / andar como pegas e tamanho. Ecãtão  
como galos. /

#### Hay nãbiz

São m<sup>to</sup> piquenos não comē senão de avo (de vôo?) comē as  
flores e são diverças nas cores. O garaciça he o mais fino ē suas penas  
q̄ passaro nhū té / como hū barrete na cabeça q̄ se não pode ver  
/ cor p(ro)pria se não de qualquer parte q̄ virão / parece de hūa  
cor té o bico cōprido e preto / criação dous e 2 sustētão se cõ o mel  
destas flores. /

(fl. 51) Arataqua he azul e v(er)de m<sup>to</sup> fino outro té / hū verde  
sobre dourado té hūa coleira brãca / ecōtros brãcos e a ponta do  
Rabo. /

Outros pardos Plas costas e plos peitos hūas listas / brancas o  
bico amarelo e pes. Outros finos sobre / dourado té o bico preto e  
a metade verme ho todos / té os pés piquenos. Desses fazē nas an-  
tilhas os / retavolos e Imagē. /

#### Guiranhēgueta e Caijs

he de hū pardo azul pollas costas e por baixo / amarello té

hũ barrete larājado e sobre os olhos / larāja de fino este vėlhe algũas  
vezes sedēse coral, tãobē aj outras castas m<sup>tas</sup>. /

### Ties

ha de m<sup>tas</sup> castas e todos quaize servē pera gajolas / a'gũus  
grãdes outros mais piquenos tiepirãga / he todo vermelho m<sup>to</sup> fino. /

Tie guaçu he como calhãdro e assi canta. //

(fl. 52) Tie merĩ como pintasilgo se não q̄ tē o vermelho que / os  
pintasilgos tē temelles preto e o preto vermelho / e o ruivo verde  
pardo Tie una he preto cãta bem / Tie obig azul, Tie obiguaçu, Tie  
apiraguira, / Tie guaissica tē o rabo de dous ou tres palmos Tiambu  
/ são os canarios comē aRoz milho &tc.

### Quereibã

he muj estimado por suas finas penas e dão por a pelle / de  
hũ valia de 2 escravos P<sup>o</sup> serē poucos / he azul pardo em parte es-  
curo os peitos roi / xos as penas das azas grandes quaize pretas mes  
/ turãona cõ outra e tē major valia. /

### Pombas e Rolas

Das pombas ha quatro castas picaçu, ajuberaba, / picaçnete,  
picaçupitãga, picaçuipopotĩga / azas brãcas he boa carne e aj m<sup>tas</sup>. /

### Rolas

Javeti das daRibação de portugal paisari, paraj / sebui picai-  
peba picuipitãga, picuiguaçu / Tubura ha grandes bãdos destas. /

### Tucano

Ha tamanho como hũa perdiz mas naõ tē tãta / carne quando  
vaj boando não parece se não / hũa crux perfeiissima he preto por  
fora e amarelo / plo meo e por dentro vermelho algũs tē os olhos  
azuis. //

(fl. 53) toda a cor he boa desta pena os papos são amarelos / e ja  
vi mais de quatro mi. papos jũtos nos Carijos / he vestido dos natu-  
raes algũs q<sup>do</sup> se querē vestir de festa / .s. suas carapuças e outras  
cousas ha outros mais / piquenos tē o peito vermelho os olhos ver-  
des e os pees. /

### Guiba Ponga

he tamanho como hũ picanço alvo por todo o / corpo faz grã-  
de estrôdo como sino e se ouve lōge. /

### Ipecum

ha hũs passaros tamanhos como poupas tẽ hũ capello / de fino  
v(er)melho o mais he preto cõ os encõtros brã / cos tẽ o bico m<sup>to</sup>  
forte mas piqueno os pees como / de pega fura os paos cõ o bico  
e parece calafate / natural no picar São de tres castas. /

### Galinhas

Macucaguá he do tamanho de hũ pato sua feição / e modo he  
como faizão tẽ tres titelas hũa sobre / outra põe como 14. 15 ovos  
tẽ m<sup>ta</sup> carne não / põe os pees quando dorme nos paos se não so  
/ bre as canellas das pernas dorme andão como / galinhas, e tẽ calos  
nas canellas. / Jacutíga, jacupema, Jacucuca Jacuguaçu / e aj ou-  
tras m<sup>tas</sup> castas tẽ tãta carne como hũa boa / galinha e aj m<sup>tas</sup> em  
cãtidade e gostosas as penas / destas servẽ p<sup>a</sup> frechas. //

(fl. 54) Aracoã da grãdes bandos e q<sup>do</sup> da m<sup>tos</sup> he serto a / chuva.  
As mãcas crião pintaõetẽ aguêla / doutra man<sup>a</sup> que vaj aos bofes. /

Motu he tão grãde como hũ peru os machos / são grandes e  
brãcos dizẽ q̄ os cães q̄ comẽ / os ossos destes q̄ emdoudecẽ ate  
q̄ morrẽ / tẽ os ovos zarabuhêtos e os ovos do ma / cucagua são  
v(er)des e grãdes. /

### Perdizes

Vra tẽ no responder Ecarne E pernas / vermelhas e mais pa-  
recẽça de perdis mas as / penas são mais pretas q̄ pardas Nhũ apo  
/ pegaçu tẽ carne como hũa galinha Crian no Canpo boão pouco  
e crião muitas jítas os o / vos azuis no cantar parecẽ codornizes não  
dão / mais q̄ tres ovos e assi os tomãõ os caês. /

ha outras da mesma man<sup>a</sup> mas mais piquenas / ha outras co-  
mo galinhas tã o cantar deferẽte. /

### Tordos e Melros

ha tordos como de portugal mas cãtão como / melro tão bê  
adevinhão chuva Melros ha / em s. Vicẽte ali so os vi.

Passaros de Rapina

ha muitos e muj ligeiros. Os abaixo são os prícipais / Toato  
guaçu. Asor Toatomerí asor piqueno. //

(fl. 55) Cabure guaçu falcão grande. Cabure merí / falcão piqueno  
estes dizê os naturais q̄ mata / hũa anta metesse debaixo do braço  
e tâto / o piqua te q̄ lhe chega ao coração. /

Inagê guaçu gavião grande Irage merí, piqueno / Eixnã guaçu  
esmerilhão grade grãde Eixna merí 3 / castas nenhu, Urubuanga  
Canduguaçu dizê que / este come homês ate os ossos e a caça ha  
m<sup>tos</sup> fransêlho. /

Do Anima

hepassaro de admiração assi em seu comer como / em sua fei-  
ção tê hūs brados q̄ se ouve hũa legoa he / tamanho como hũ grou  
mas tê menos carne he / preto os olhos fermosos o bico pouco ma-  
jor que / de galo tê hũ corno jũto cõ as vêtas de hum / palmo e  
he desta feição (79) / he como corno mas brãdo e não quebra tê  
m<sup>ta</sup> pena / em si mas groças tê nos emcontros das azas / dous furos  
cruéis de hũ hũ dedo pollegar de hũ homê de groçura quadrados m<sup>to</sup>  
agudos na / ponta tê outra jũta tê outros 2 cõ os / quais pelleja cõ  
as outras aves os tres de / dos dos pees são muj descõpassados de  
cõ / pridos andão nos a'agadissos comê erva / o corno dizê he bõ  
p<sup>a</sup> restetuir a fala. Emas //

(fl. 56)

Emas

No sertão em m<sup>tas</sup> partes ha m<sup>tas</sup> Os ovos são ta / manhos como  
hũa garrafa de canada e mea / põe m<sup>tos</sup> e nũqua os gorão Em pi-  
quenas comê flores de campo lagartixas &c. São fermosas as pe-  
nas são pera penachos corrê / m<sup>to</sup> e parece q̄ voão e as penas ajuda-  
dão a isso / posto q̄ moles mas não ha cão q̄ as tome / a corpo a  
carne he como de vaqua e m<sup>tas</sup> fur / tão a volta q<sup>do</sup> as cerquão, he  
falso dizer / q̄ não choquão os ovos porq̄ os Indios as achão / sobre  
elles e podera aver criação q̄ são m<sup>to</sup> do / mesticos mas os naturais  
tê agoiro q̄ morrerão / se as criarê dão couçe q̄ derruba hũa pessoa  
e / comê tudo ferro e q<sup>to</sup> achão. /

---

(79). — Neste passo há um desenho a ilustrar, que começando por anéis mais grossos em número de seis, apresenta uma parte mais fina e lisa e ao final, novamente anéis mais finos que a parte lisa: termina em ponta.

Anus Pegas na feição

Estes passaros crião em hũa casa grãde e m<sup>tos</sup> / jũtos e todos trazê de comer e ajudão aos outros / q<sup>do</sup> são pera isso e se hũ vaj buscar de comer o / outro se põe em sima dos ovos tẽ vegia q<sup>do</sup> vão / buscar de comer e da sinal cõ q̄ fogê tẽ fino sãge / o bico preto ou modo de arção de cela geneta. /

Dos Passaros q̄ andão de noite

ha de m<sup>tas</sup> castas piquenos e grãdes algũs como co / rujas grandes .s. Urucuriaguaçu Urutagui pipu / pipaba Jacuritu 2 alijaguaçu, hain (2)? ari / tara 2. Putunara Caxarguigui oerau (?) Morcegos //

(fl. 57) Andiraguaçu e Andiraguas es 3 são morcegos parê e crião os f<sup>os</sup> como animal de 4 pees / hũs ha no Rio de Jan<sup>o</sup> q̄ chupão o sangue muj sutil / m<sup>te</sup> algũas vezes inda q̄ poucas e so vi hũ homem que / tinha o cabelo trosquiado delles q̄ parecia a nabalha / e nũqua lhe mais naceo nê diz q̄ mace mais tem / grãdez unhas e come carne. /

Corvos, Urubus

ha hũs e outros brãcos os brãcos são muj estimados / Urubutiga brãco tẽ o caperão como vermelho quei / mado os o hos azuis tẽ por vêtas dous boracos / rasgados pera sima dẽtro naselhe hũa crista de hũ / dedo de carne vermelha como esfarrapada o bico / vermelho e o paçaro cõ estas galãterias parece / m<sup>to</sup> bẽ e tẽ m<sup>tas</sup> cores nas penas De longe cheirão a carniça. /

Cap. 2.<sup>o</sup> Das Ervas q̄ dios coredes  
não teve conhecim<sup>to</sup> nê fez mẽção  
nẽ outros autores

Jeticuçu

Este he o Mexuaquã das Indias ha pouco tpõ q̄ / he descuberto e ha m<sup>to</sup> serve p<sup>a</sup> purga a todo / o brazil e he boo faz algũ tanto fastio tomasse / em polme e cõ v<sup>o</sup> ou agoa ou no caldo ou / feita em cõserva de muitas maneiras se da //

(fl. 58) as folhas he como a man<sup>a</sup> de mãdioca farpadas a semête / he triangular m<sup>to</sup> preta a flor he como campainhas / colhẽno q<sup>do</sup>

o fruto esta em sua perfeição em todo / o tempo q̄ o hão mister é q̄  
não esteja perfeito / sêpre faz obra he p<sup>a</sup> toda emfermi / dade e he  
atênué purga do brazil q̄ se podera escrev(er) m<sup>to</sup> della. /

#### Sipo oupiguaja

he hū eficaz remedio pera camaras de sangue / a sua astea não  
sobe sobre a terra mais de / hū palmo tē em sima ate 3 . 4 folhas  
no meo / hūs fios como algodão sua rais se retalha / em redondo  
como a manr<sup>a</sup> de contas piquenas / tē esta Rais tres palmos ou 2. tē  
grãde cheiro / Moeē se esta Rais como pimēta e poē na em /  
hū copo pōe na no sereno onde lhe não de / orvalho nē agoa e  
pol'a manhã como purga / se da algūs tomão na logo a q̄l q̄r hora  
botão / na pizada em hū pucaro novo a coaão e espremē / daq̄le  
bagaço a q̄l rais ha ter mejo real de / prata de pezo e fazem q̄ não  
aRebeçe (?) cobrē / o emfermo e q̄ sue e logo se vão as camaras  
ha / de tres castas tão bē tenho m<sup>tas</sup> vezes visto espe / remētado e  
he verdadr<sup>o</sup> remedio. /

#### Caje pia p<sup>a</sup> as cobras

ha hū cipo pouco ha descoberto he pera mor / deduras de co-  
bras e todas peçonhas os carijos se curão //

(fl. 59) cō ella e tē m<sup>tas</sup> ervas boas mas nos não sabemos / todas  
estas usão todos ja e he unico remedio ha de .3. / manr<sup>as</sup> hūa he  
de hū palmo de Rais outra alas / trada cō o chão tē as folhas pera  
sima redondas / em cruz as outras se alastrão mas tē as folhas /  
como de limão piqueno mas pontas agudas naçe / debaixo de ar-  
voredo grande he de païmo de / cōprido e grossa menos de hū dedo  
as raizes tirão assi / a cor amarella Ev(er)de dizē he boa p<sup>a</sup> fevres  
/ p<sup>e</sup> idropicos pera as frechadas he v(er)dadr<sup>o</sup> re / medio como dizē  
he nōpera /

#### Taroqui e taroqui

Esta erva ha nos Ilheos, Camamu e portosegr<sup>o</sup> / não tē mais  
q̄ aserca do Ca apiã tē as flores / nas pontinhas dos ramos, /

ho taroqui he a fedegosa de portugal / tēna por m<sup>to</sup> medessinal e  
he forte. Defumão se / cō ella e cura feridas Echaguas e pera a  
doēça / dos felisteus unico remedio Epera bichos de / animais pi-  
zão na Ecō o sumo lha pōe he / boa pera colica no lugar onde lheda  
E p<sup>a</sup> / doēça de mo:heres .e. etc. esta erva dorme de noite fechan-

dose a folha e abreçe como / he menhã Em q<sup>to</sup> não da semēte he  
boa / pera dor depedra a modo dêprastro sobre a bechigua. //

(fl. 60

#### Embe

Embeguaçu de frechas he bõ pera froixo de sangue / e logo  
se estaqua tomando a casca e defumãdo / a parte pera onde o san-  
gue sae logo obra / serve pera frechas balaios e cordas de Navjo /  
tê mais de 50 braças daltura Env(er)dece / nagoa ha 3 castas pa-  
rece ser o v(er)dadr<sup>o</sup> aro / na flor e fruto.

#### Cãa obetíga Lingoa de vacua

he boa pera feridas e chaguas he baixa alevã / taçe do chão  
como limgoa devaqua mas não tão / alta faz duas ou 3 estreituras  
no meo em o pee / delgado os portegezes lhe chamão lingoa de vaca

#### Morocujas

ha m<sup>tas</sup> castas e m<sup>ta</sup> quantidade ho fruto he m<sup>to</sup> ape / titoso as  
flores pareçê rozas brãcas pizão / as folhas e o sũmo posto nas  
chagas tira o fogo / Ecancer q̄ tiver faz secar as boubas Ja se / he  
cõ verdete tomãdo seus lavatorjos / No pee de quada folha naçe  
hũ talinho / delgado onde nacê 3 folhazinhas a modo de / lançetas  
e quaize do mesmo cõprim<sup>to</sup> e em si / ma destas naçe sinco do  
mesmo modo cõ / outras sinco brancas do mesmo modo e todas /  
em torno como coroa no peé destas naçe hũa / coroa de raios m<sup>to</sup>  
delicados redonda azul m<sup>to</sup> / fino a metade brãca e em sima desta  
coroa / naçe outra de sinco astes piquenas nas pôtas. //

(fl. 61) das astes tẽ .5. covas como de argētaria andão a / roda  
e não quebraõ em sima se cria o pomo q̄ / he como redondo e como  
hũa larãja piquena / Em cima deste pomo estão tres cravos m<sup>to</sup> bẽ  
/ feitos e este he o remate de sua flôr. /

#### Erva Viva

Em lhe tocando logo se encolhe e dahi hũ pouco / logo torna  
e q<sup>tas</sup> vezes lhe fizerẽ isto tãtas faz / he meuda mais q̄ silvas ha  
algũas 3 castas / Serve p<sup>o</sup> balço não se sabe tegora virtude dellas. /

#### Cobaura

Serve em pos sequa Ev(er)de p<sup>a</sup> feridas e a p(ro) / pria folha  
he como a caobetíga jnda que / a folha fica direita ha m<sup>ta</sup> per-  
gão e sequa / que da Eha outra como esta tẽ o mesmo efeito.

### Nana

Tem semelhãça da erva baboza e assi lança / as folhas he m<sup>to</sup>  
boã he ao modo / de pinha grande e assi nas antilhas lhe cha / mão  
pinha. Gasta ferro e as faquas he / boa p<sup>a</sup> pedra e agoa estilada faz  
/ oirinar bê he boa pera feridas velhas / pondo o sumo posto q̄ co-  
modo agrava a ferida / he bõ p<sup>a</sup> as cobras e faz botar a peçonha  
p<sup>o</sup>. //

(fl. 62) mesmo lugar a peçonha comendo o dous Indios ã / lhe mor-  
dendo duas Generacas fez logo hũ / vergão em o comêdo o desfes  
logo e botou a / peçonha amarela e matarão hũ cõ 64 f.<sup>os</sup>.

### Caraguata

he bõ pera amarra he como linho e ha de muitas castas / pera  
redes de pescar p<sup>a</sup> saptr<sup>o</sup> &tc. afolha / he como de nanas mas mais  
cõprida te dez / 12 palmos de cõprida e tres dedos de largo he /  
verde botase nagoa como linho fazê os In / dios redes e os Tapuias  
p<sup>a</sup> pescar de 50 braças.

### Barbasco Cipo

Serve p<sup>a</sup> embebedar o peixe ha m<sup>tas</sup> castas .s. / groços e del-  
gados o tibo guaçu he o mais fino / he de groçura de hũa cana e  
alto de sincoêta / braças.

### Erva que dorme de noite.

Como se põe o sol logo parece q̄ se vaj em / colhendo e assi  
esta a noite emcostada comũ / mente a outra erva a pla menha se  
desem / costa são os Majos de portugal na flor mas / mi hor amarelo.

### Caapeba

Serve pera camaras e chaguas tẽ hũ verde / m<sup>to</sup> claro lança a  
cada pe de folha sua semête / tẽ outras m<sup>tas</sup> v(ir)tudes e he p<sup>a</sup> lõ-  
brigas bõ. //

(fl. 63) Das Ervas q̄ tem esta p(ro)uã e falarão algũs autores /  
Apontarej som<sup>te</sup>, quãto aos effeitos são comum<sup>te</sup> os mesmos /

Holfão de todas as castas

Erva moira de todas as castas

Ditavoro m<sup>to</sup> e fresco

Cardiaca de muitas

Alecrí defere na folha algũ tâto no cheiro

Lirios de m<sup>tas</sup> castas

Aipo ha m<sup>to</sup> p<sup>a</sup> as prajas

Perrechil plas prajas  
Malvaisco todas suas especies /  
Canas m<sup>tes</sup> e algúas groças q̄ levão 4 canadas  
Triuitas ou lagopus m<sup>tas</sup>  
Cauda Draconis m<sup>tas</sup>  
Polipodio m<sup>to</sup> e fino  
Verbena  
Salva dambas as castas  
Scapioza muita  
Pau da China de m<sup>tas</sup> castas bõ  
Camepites  
Ortiga morta  
Alfavaca de cobra  
Cipros dambas as especies  
Similax leris e outras especies della  
Tinga canga dizê ser a saça perriha tã a / mesma rais e especies sê  
diferença mas o efeito se não sabe inda /  
Mentrastas feitos, Avêca de 2 castas e bom //  
(fl. 64) Molarinha, Sarralhas hũa so casta, Agriões  
Beldroegas 2 castas m<sup>to</sup> boas  
Lingoa Servina, Douradinha trevo asph +  
Haspote, Musgo q̄ esta depêdurado  
Arome m<sup>to</sup> e bõ, Lentisco, Almacega  
Terbinto, Braguncula minor  
Aro pee de bezerra, Acanto, papiros  
Tamarisco, Calosentida m<sup>to</sup> e fina, Canafistola  
Herva Santa, Balsamo, Bethela da Índia m<sup>to</sup>  
Pinheiro em S. viçente, Murta m<sup>ta</sup> de m<sup>tas</sup> castas  
Pimêta de m<sup>tas</sup> castas, Aristoloquia de todas castas  
Macaes de porco muita, Nevõda de 4 castas,  
Lagopede, cauda escorpionis  
Armetiza em .s. vicente, grama de três castas  
Mujtas favas e de muitas castas, Alfavaca de bõ cheiro  
Do enpsertio, ibira paromocaci  
Lintilhas e linho e Trigo, Cevada e milho / vi no Rio de Jan<sup>ro</sup> e se  
da m<sup>to</sup> bẽ  
Muita arvore despinho de toda sorte em / todo o brazil e m<sup>to</sup> boa  
melhor q̄ em portugal  
Marmelos, figos uvas as uvas vi dar em / todo o brazil em treze  
meses dar tres / novidades hua parreira e assi como colhẽ as uvas  
logo as podão e logo tornão a dar.  
Rozas cravos em algúas partes.  
Hortaliça ha em todo o brazil e de toda / sorte como em portugal,  
m<sup>to</sup> gemgibre / e bõ ervihas &tc.

(fl. 65)

### Cap. 2.º Das frutas Acaju

he arvore grande modo de nugeira tē muita / goma p<sup>a</sup> tita e pitar, tē hũa fruta como hũa / maçã grãde e hũa castanha no pee q̄ serve / em lugar damêdoas p<sup>a</sup> doce Do sumo desta / fruta fazē os naturais vº, cõ outra erva / serve p<sup>a</sup> feridas e sãgue de molheres o sumo da fruta põe nodoas em pano brãco he boa fruta / pera a calma principalm<sup>te</sup> q̄ refrescam<sup>to</sup>.

#### Mangabas

he m<sup>to</sup> boa fruta parece no comer cõ soruãs / mas muj deferēte no gosto bõ Esabor e boa / dezistão e por m<sup>tas</sup> q̄ comãõ não empechãõ nē / emfastiãõ de madureiro sãõ boas e a flor / cheira bē, não tē casca tudo se come e as pevides / tãõ bē q̄ sãõ piquenas, perde a folha cada anno / como as arvores em portugal e assi carrega / hũa vez no anno cousa q̄ comũm<sup>te</sup> todas as ar / vores estãõ todo o anno como q̄ se nũqua mudaçe / a folha mas inda q̄ algũa vez as arvores / a mudē sēpre lhe fica ja outra nova e assi nũqua / estãõ sē folha. esta arvore do Caju não he / m<sup>to</sup> aita e ha m<sup>tes</sup> pelos matos.

#### Mocuje

Dizē he a melhor fruta q̄ ha nobrazil no / seu aspeto parece cõ perinhos de alētejo / do mato sãõ redondos e pardos põe nos em / madureira mas o gosto he bõ algũ tanto //

(fl. 66) doce sobre azedo sãõas arvores altas e tē leite / quando a cortãõ, cortãõ as arvores p<sup>a</sup> os co / lherē. porq̄ inda q̄ as abanē não caē e assi / pelo tpõ em diante avera menos.

#### Araçazes

ha m<sup>tos</sup> grandes e piquenos tē a arvore e folha / como pereira e elles algũs sãõ tamanhos / como peras a flor e folha cheira m<sup>to</sup> bē tãõ bē / os Indios fazē vº de Araça, Sãõ algũ tãto / azedo e m<sup>to</sup> boa fruta p<sup>a</sup> fastio.

Araça pitãga ha em s. V.<sup>te</sup> vermelhos e amarelos / Araça guaçu ha m<sup>tos</sup> e bõs araça Etc. ha m<sup>tos</sup> pelos campos e matos ha desta fruta m<sup>tos</sup> / fazē cõservas delles p<sup>a</sup> camaras e tãõbem / assi maduros servē p<sup>a</sup> as estãcar e sãõ m<sup>to</sup> apetitosos.

### Jaraçatia

he grãde arvore mas vão por dentro e / tẽ como miolo q̄ se tira e assi fica como / modo de barril e a cortão quão cõprida / a arvore querẽ e assi serve de caixa dos / naturais p<sup>a</sup> terẽ ali as frechas e o mais / tãpão na pollas bocas e assi esta guardado / o q̄ lhe metẽ dentro tẽ hũa fruita boa tão bê / p<sup>a</sup> camaras de sangue e tão bê a rais moida / fazẽ a'gũas canoas p<sup>a</sup> rjos mas logo apodreçe. //

(fl. 67)

### Umbu

he arvore não m<sup>to</sup> alta mas m<sup>to</sup> espalhada e / debaixo se pode escõder m<sup>ta</sup> gente ha m<sup>tas</sup> / na ca atãga são como ameixas amarelas são / muj gostozas mas rois p<sup>a</sup> os dentes p<sup>o</sup> tpõ / os faz cair a outra casta de mais piquenos / estes são como ameixas e não fazẽ mal.

### Palmeiras

Anajaguaçu tẽ ao pee hũ cacho grande de / cocos q̄ são tamanhos como hũ punho de homẽ / e assi carrega bê este cacho hũ homẽ que / são m<sup>tos</sup> Cõ esta palma cobre as casas e he / boa e fresca os cocos comẽnos crus e / asaos e ẽ necessidade fazẽ farinha delles / e azeite cõ q̄ se untão em suas necessi / dades, ha a'guas vinte e sico castas q̄ / se não podẽ todos escrever e ha m<sup>tos</sup> dos q̄ vẽ da India e de Cabo Verde Etc.

### Balcemo Caboreiba

ha m<sup>tas</sup> arvores são grandes em trõco e / Ramos tẽ vertude a casca e trõco / A gõma q̄ he o balçemo tẽ grande cheiro serve / p<sup>a</sup> feridas e outras cousas q̄ o doutor Mo / nardẽs refere he estimado para gã / gorras e ejchos de emgenhos por ser m<sup>to</sup> //

(fl. 68) moçico. Piquase a casca emtão esta esti / lando aquele licor gota e gota em algodão / e apanhão no em tpõ de estio por se não mes / turar cõ agoa, cheira logo de lõge e onde os / ha ha m<sup>ta</sup> caça e a caça ferida se vaj roçar / cõ a ferida na arvore e assi se achão m<sup>tos</sup> / cabelos pegados nesta arvore q̄ a natureza / lhe ensinou fazẽ os portugezes cõ ta de chej / ro desta casca e mesturão cõ oleo e são / boas pera a cabeça e as fruitas q̄ cõ elle / se cura fiquão sã sinal e as vezes tornão / a picar a ferida p<sup>a</sup> tirar sangue e cõ elle se curar e diz o faz tirar.

### Copajba

São arvores altas e grossas he pao não / m<sup>to</sup> duro fazẽ caixões p<sup>a</sup> assuqr tẽ a folha / como pessegueiro Cortão esta arvore ate / o

meo ou onde tē vĕto e assi botāo comū / m<sup>te</sup> doze canadas deste  
oleo que / unico p<sup>a</sup> feridas e tão bĕ fiquaō sĕ sinal / testemunha sou  
eu q̄ me cortarāo hūa ca / beça de hū dedo nū navjo e foi ao mar  
e pus / lhe hū piqueno deste oleo e logo sarou e / fiquej são so es-  
caçam<sup>te</sup> se emxergua hū brã / quinho como linha delgada por onde  
foi o / golpe e não cria materja e falādo eu / cō o surgião mor como  
não usavāo delle me / disse que não querjão os surgiões p<sup>a</sup> ganha-  
rem mais //

(fl. 69) No verāo he o bō este he mais claro q̄ o outro / deassima  
mas o outro cheira milhor e val mais / Dizē q̄ este de q̄ vou tratand-  
do he verdadr<sup>o</sup> bal / çemo e ja se cotegou cō hū pouco q̄ levarāo  
/ ao brazil p<sup>a</sup> se fazerē oleos tē o cheiro e / tudo se não a arvore e  
ja me parece q̄ / vaj liçença ao bp<sup>o</sup> do brazil p<sup>a</sup> fazerem / oleos cō  
este curāo cō elle quĕte e prezerva / a carne de corrução. Seis me-  
zes se / meteo hūa muela de galinha e esteve ao sol / e sereno e  
se tirou no cabo come se a em / tão meterāo p<sup>a</sup> camaras he bō be-  
bendo / algūas oito gotas em v<sup>o</sup> he bō p<sup>a</sup> emchaços / e outras em-  
fermidades. Etāo bĕ a caça se vaj roçar das feridas a este pao p<sup>a</sup> sar-  
rar / e tē m<sup>tas</sup> cousas q̄ se pudera escrever hū livro.

#### Figueira brava amaiba

São arvores altas direitas tē algūs figos / defirĕtes mas no sa-  
bor como passados mas / o doce mais suave cōpridos de mejo pal-  
mo / são gostosos a arvore he oca as folhas far / padas grandes e  
redondas tē m<sup>ta</sup> vertude e / quĕtes servē p<sup>a</sup> inchaços. Os olhos pi-  
zados / posto na ferida fresca sara logo m<sup>to</sup> depreça / e se for cha-  
gua velha lavādo a m<sup>to</sup> bĕ cō limāo / q̄ não fique nada em sangue  
serāo tāobĕ //

(fl. 70) as folhas quĕ tes servē p<sup>a</sup> inchaços e corrim<sup>tos</sup> / O olho ti-  
rādo lhe a tona vermelha delida he p<sup>a</sup> / camaras são as folhas como  
pelēs de lixas / e raspāo paos com ellas. /

#### Çapucaj

he arvore grāde serve para gangorras tē co / mūmente setĕta  
palmos de roda são altas / direitas e pezadas a casca serve de esto-  
pa / p<sup>a</sup> os navios cō o sūmo tĕgĕ as linhas pretas / p<sup>a</sup> frechas e ou-  
tras cousas a fruita he como / hūa panella redonda e groça tē dĕtro  
muitas / castanhas boas p<sup>a</sup> comer se comē m<sup>tas</sup> cruas / dizē q̄ faz  
pellar os cabelos tē hūa cober / toira q̄ cae e fica como gral e disso  
serve bĕ. /

### Cedros

Tê a folha como de peçegueiro ha m<sup>tos</sup> e de muitas / castas chei-  
rão m<sup>to</sup> bê servê p<sup>a</sup> forros de casas / e caixas fazê canoas e durã  
m<sup>to</sup>. Hũ pao destes / veo emtre o Camamu e os Ilheos dôde se nãõ  
/ sabe acharão no mar de q̄ se fez a misericor / dia dos Ilheos toda  
q̄ he hũa ferrosa casa sê / se meter outro pao senãõ este e sobijou.  
Eu / vi huã rais q̄ tinha trinta palmos de dia / metro.

### Aratecu

hatres castas as duas boas q̄ da hũ fruto de //  
(fl. 71) grande cheiro he como hũa pinha tê hũ azedo / bõ ha outra  
casta jũto da agoa qualqr / cousa q̄ o come morre tê as folhas verde  
Eformosa arvore. /

### Peques

São arvores muito groças tê de boca algũas / canoas ate nove  
palmos e m<sup>to</sup> cõpridas inda / q̄ aj paos q̄ tê Novêta palmos de roda  
/ e se achou em meu tpõ no Rjo de Janrº eu / vi a corda cõ q̄ o me-  
dio hũ Ir. q̄ a isso foi e / muitas vi de 70 palmos e de 80. Tê esta  
/ arvore hũa fruta como maçã mas ao re / dor m<sup>tos</sup> espinhos e dêtro  
tê hũa como amêdoa / e carne muito gostosa. /

### Camuiz

he arvore grãde parece cõ ceregeira de por / tugal e assi tê seu  
fruito vermelho e no Raro preto e major. /

### Pequea

ha duas castas hũ da hũa fruta tamanha / como hũa larãja tê  
a casca groça como / larãja dentro tê hũa pevides majores q̄ / de  
melão pardas e mais esta cheo de hũ / mel q̄ parece asuquar m<sup>to</sup>  
caleficado tê / cantidade hũa casca de ovo o pao he mole / ha outro  
q̄ tê fruta sê mel he bõ p<sup>a</sup> leitõs tem / hũ amarelo cracjoso e cõ  
e.le se axmaltão m<sup>tas</sup> obras.

(fl. 72)

### Jabaticaba

he das milhores frutas do brazil he grãde a arvo / re a fruta  
como de ameixeira. Em .s. V<sup>te</sup> as vi bo / as sãõ cõmo limões  
piquenos tê a flor como de / murta e carregão de baixo ate bê assi-

ma nê / se ve da arvore senão tudo fruto o sabor he / como uvas.  
Fazê os Indios vº dellas.

#### Izbicuibuca p<sup>a</sup> Azeite

he como nos moscada he a fruta de q̄ fazem mais / azeite q̄  
nhũa tê hũa maça boa queima m<sup>to</sup> / he muito fermosa assi a nos  
como a maça e tê tudo / o q̄ tê a nos noscada a nos não tê cheiro  
aromatico / nê queimor he m<sup>to</sup> insipida a nos he como capu / cho  
de algodão abreçe e cae a nos cõ sua maça / por sima e depois da  
maça he m<sup>to</sup> vermelha / e groça esta outra a man<sup>a</sup> de casca de velã  
/ dentro desta esta a nos ha duas castas e me / rj he a melhor tê  
bõ cheiro aromatico ibicuibucu merj.

#### Moxiricuiiba

ha na Paraiba são como mágabeiras a fruta / como larãjas das  
pevides fazê o azeite e a casca / serve p<sup>a</sup> barbasco.

#### Andaguaçu

Fazê m<sup>to</sup> azeite e são arvores grandes.

#### Ajuruatubira

Fazê azeite e fica vermelho da fruta.

#### Tabotipita

(fl. 73) he arvore de ate dez pa'mos a fruta como / amêdoas serve  
lhe este azeite pera suas Em / fermidades todo este azeite serve p<sup>a</sup>  
seuntarem / cõ elle q̄ elles não comê azeite secão lhe as feridas /  
untão seus cabelos Etc.

#### Contas Tiguití Tiguaçu

São hũas arvores grãdes Dão hũa fruta como / medronhos tê  
dentro hũa avelã tâ dura como / paõ servê p<sup>a</sup> cõtas e parecê aze-  
viche que assi / reluzê casca desta fruta parece fino sabão / e assi  
lavão a roupa cõ ella e cabelos. /

#### Ibacamuçu

São grandes arvores e dão fruto como Rômã / Dentro tê como  
sorva senão as pevides o gosto / azedo são boas p<sup>a</sup> camaras Em  
.s. V<sup>te</sup> ha muitas. /

### BetEle daÍndia Jaburãdi

ha tãoto deste q̄ se pode carregar navjos nos / brejos e onde ha agoa he bõ p<sup>a</sup> o figado comido. Ha outro mais piqueno as raizes / pizadas dadas a beber são boas p<sup>a</sup> dor de / dentes mastigãdo se vaj logo este pizado / se o botarẽ hũas goteiras nas costas de hũ sapo / por peçonhẽto q̄ seja lhe faz nas costas huas pe / dras como de aljofar e da logo m<sup>tas</sup> bosejaduras e morre logo / e se algũ vive fica como / vejo doutro mũdo. //

### Jaburãdiguacu

(fl. 74) Tem grandes folhas (80) redondas como tataros e parece deceplinas / servẽ as folhas p<sup>a</sup> tirar o fogo e p<sup>a</sup> quaisq̄r chagas.

### Jenipãba

Todo o anno tẽ fruto e fo ha parece como / de Nugr<sup>a</sup> he grã-de como larãjas verde / o sũmo he como agoa turba põdo se ou pitãdo / e os Indios cõ ella dahi a meja hora ficão / pretos e muj pretos e dura lhes nove dias m<sup>to</sup> / q̄ se lavẽ a fruta madura comẽ na Em cozida parecẽ como marmelo amadr<sup>a</sup> he boa p<sup>a</sup> remos. Sẽpre estão Macho e femea.

### Almecega

Serve p<sup>a</sup> chagas dor de cabeça cõ o sũmo p<sup>a</sup> / corrimẽtos e emprastos chamalhe Monardes / Carana, tira se como oleo mas seca se logo / ha outra q̄ parece pedra e serve p<sup>a</sup> o lustre dos pratos e alguidares q̄ estes fazẽ, vẽ m<sup>to</sup> pelo Rio grande abaixo chamão lhe Itaiçiqua. /

### Curupicaiba

Em tocãdo nesta arvore bota hũ leite muito / bõ p<sup>a</sup> feridas frescas curão as boubas e he visgo.

### Jacirana

he boa p<sup>a</sup> canoas e tẽ todas as feições que //

---

(80). — No texto há duas linhas riscadas, mas legíveis a partir da palavra fôlhas e que se leem: “parece como de noqueira / he grande a fruta verde serve de tita com que”

(fl. 75) diz monardes da Aquatia so no cheiro / tē deferēça tē favas depēduradas por hū / pee de .5. palmos cōprido e no pe tem / 5. e 6. favas de cōprimento de palmo / e dētro achão favas como modo das de comer / mas não tē dētro mais q̄ hū licor pega m<sup>to</sup> / he bõ p<sup>a</sup> visgo inda q̄ chova pega. /

#### Cipo q̄ da agoa p<sup>a</sup> beber no sertão

he de grossura de hūa cana grossa e cōprida / em algūas partes do sertão da baya não ha / agoa e so aqui ouvi dizer carecer esta p(ro) va de agoa porq̄ no mais sertão a cada mea legoa / acharão m<sup>tas</sup> fontes. E aqui proveo N. S. q̄ este / cipo em o cortãdo se desfaz em agoa e assi / fazē cavãdo a modo de tijela p<sup>a</sup> se ēcher dagoa / e babē q̄ he fria e boa. /

#### Da arvore q̄ tē agoa

Está esta arvore no meo do sertão e afastada / doutro mato e arvoredo he esta sōo cō grãde / copa he fermosa faz hūa cova como de hū / braço e sēpre esta chea e bē podē beber / e gastar como ja fizerão trezētas almas q̄ / por ali passarão jūtas sē faltar e inda q̄ ali / cavē não se acha agoa deu a Ds ali pera estalagē faltãdo naq̄a paragē. //

(fl. 76)

#### Caaroba

ha m<sup>ta</sup> e de m<sup>tas</sup> castas p<sup>a</sup> feridas he boa fazē / della hū unguento da flor fazē cōserva se / a bebē he boa p<sup>a</sup> corrimentos e p<sup>a</sup> boubas.

#### Cepenica

he hū pao dos mais rijos e fortes q̄ ha tē se / q̄ he o das antilhas e ja hū doutor dos Ilheos / o experemētou e diz tē o mesmo efeito / botão mais pao porq̄ diz he mais remisso / ha paos de m<sup>tas</sup> maneiras de boas agoas / ha sãdalos, pao sãto, ha nos moscada / e hū como cravo no cheiro muito forte mas não / no sabor, m<sup>so</sup> gemgibre melhor q̄ da India.

#### Dos peixes Bois

Ouve ja m<sup>tas</sup> pessoas q̄ os não quizerão co / mer por parecer vaqua / mas tē melhor sa / bor se se coze cō coives parece vaqua

/ se de vinha dalhos parece lombo de / porco se cõ asafião Etc. parece carn<sup>o</sup> / salgado e de toda a man<sup>a</sup> he m<sup>to</sup> bõ tê a fevara / como de vaqua. As feiçoís parecẽ de / animal tereste he redondo como madeiro mas / p<sup>a</sup> o rabo vaj estreitãdo e no cabo se a'arga / tê q̄ no rabo he m<sup>to</sup> piqueno mas grãde força / como pa de remo o corpo cheo de cabelos *finos* (81) //

(fl. 77) mas m<sup>to</sup> piquenos tê seus bracos de cõprimêto / de covado como pas as mãos são como humanas / mas os dedos todos pegados como de patos os olhos / m<sup>to</sup> piquenos e pestaneja o focinho como de / boi as ventas tê dous coirinhos cõ q̄ as fe / cha como foles de ferreiro tem a cabeça pi / quena e quaize jgual cõ o corpo roliço sê / pre vẽ surgir assima e por isso os matão cõ / arpoês são grãdes e tal ha q̄ passa de corêta aRobas de carne façe boa mâteiga delle / p<sup>a</sup> fregir peixe e cãdea tê o embigo como / de porco por onde gera Seu comer he erva / q̄ naçe nos Rjos doces tê duas pedras nas / frontes da cabeça esta moida pera dor de / pedra he unica e faz botar e faz botar em pedaços / e hũ vi q̄ era como amêdoa pilada e ja qua em Por / tugal a experemêtej e a lançou em pedaços / e de Roma no la mãdão pedir ao brazil ouve / peixe q̄ pezou vinte quintais e q̄ 100 pessoas / o não poderão tirar fora e assi o desfizerão / fora. E não me espanto q̄ eu vi hũ f<sup>o</sup> m<sup>to</sup> / piqueno q̄ pezou vinte aRobas tê os olhos / brãcos como de Marfin a mâteiga não tê rãço.

### Baleas

ha m<sup>tas</sup> na baya e tê toda a costa do / Brazil entrão na baya em Majo e vão se / em Outubro dizẽ que vẽ criar neste remanço // (fl. 78) remanços q̄ ha grãdes comũmente ha m<sup>to</sup> am / bar quando vẽ ou he que em serto tp<sup>o</sup> o ellas / botão como esterco e depois de o comerẽ / ou como he mais serto q̄ vão abaixo e o / aRancão q̄ diz se cria no mar e cõ tro / mēta se colhẽ abaixo e o comẽ e assẽ q<sup>do</sup> se achão no brazil m<sup>to</sup> ambre he depois / das tromētas q̄ logo vẽ assi as prajas. / hũ homẽ de credito por nome Antão Gil / me disse que o vira naçer e me mostrou a p<sup>te</sup> / e foi em Taparica espraia m<sup>to</sup> a mare e ficão / possas de agoa e jũto de pedras a area nace / hũa fonte no mar e ao lõge hũas raizes a modo / de perrechil nestas raizes e fonte se hyia / criando este ambar e assi tirarão hũ pedaço / dali e plo tp<sup>o</sup> em diante hia creçendo inda / q̄ de vagar ate q̄ tudo aRancarão ou cõ tro / mēta ou Indios q̄ m<sup>tas</sup> vezes andão maris / cando ali. Ouve ja m<sup>to</sup> nesta terra e os / Indios o trazião e êganavão nos cõ elle / dizêdo ser cera e algũs portugezes brearão ja

(81). — In A. B. lê-se “ruivos”. Nós lemos “finos” mas duvidosamente.

navios cõ elle. Vão se estas / baleas jútas como esquadraõ e ja vi / mais de 50 jútas e vinhão botãdo agoa / q̄ milagrossamête escapamos Eu me / vi entre sete e não tinha p<sup>a</sup> onde //

(fl. 79) me acolher batendolhe ate q̄ chegej / a hũa lagê e batêdolhe em ferro he bom / Indo Salvador Correa capitã do Ryo de / Janr<sup>o</sup> em hũa canoa levava hũ tãobor / e estava hũa dormido e acordou e aRemeteo a canoa e posto q̄ as canoas são / muj lijeiras se vjo em aperto porq̄ foi / p<sup>a</sup> a canoa rija e cõ a m<sup>ta</sup> agoa e onda / q̄ levou as botou em terra q̄ era jũto de / praja e ela ficou nagoa como pasmada / não remete comũm<sup>te</sup> mas se lhe fazem mal he mui perigosa. segue embarcações m<sup>tas</sup> / vezes jndo cõ barcos de duas velas como / pescarezas dalfama cõ grãde vêto ella / sêpre jũto como q̄ se não movja e o bar / co levava grãde cortar. No Rjo de Janr<sup>o</sup> / quizeirão os Castilhanos q̄ hião cõ D<sup>o</sup> Flores / ao estreito matar hũa e a feriraõ mas ella / aRemeteo ao barco e o botou p<sup>a</sup> o ar e fez / em pedaços e os homês se salvarão q̄ logo / das naos lhe acodirão e hũ ficou ferido / Alguãs vi mortas muj grãdes e de mais de / 50 palmos de cõprido No vão do olho cabe / hũa pessoa dorme como os mais animais / trazê os f<sup>os</sup> as costas crião nos cõ leite / tẽ duas mamãs grãdes parece q̄ não parê //

(fl. 80) mais q̄ hũ comê peixee polvos O seu contrairo / he espadarte o q̄l a fere e o tubarão tão bê / se mete debaixo deila comêdoã. /

### Do Espadarte.

Tem o corpo do tamanho de tubarão e diante / .5. ou 6 palmos hũa serra cõ muitos bicos e de / largo de mejo palmo segundo são tẽ 4 Nervos / grossos em lugar de braços quando os tomãõ / nas Redes de pescar são mad(ro)sos nẽ resistem.

### Tubarões

ha m<sup>tos</sup> e de m<sup>tas</sup> castas Japeru Jaguarã he / m<sup>to</sup> Roin tẽ sete ordens de dentes m<sup>to</sup> horrêdos / servê estes dentes p<sup>a</sup> frechas e tal ha / / corta pla canella cõ os dêtes hũa perna e / assi se achou em meu tp<sup>o</sup> ahi dentro na baya / na barriga de hũ q̄ hũ homê pescou / hũa perna cõ hũa mea calça de hũ Ingres / e foi q̄ Indo ahi êgreses a baya hũa nossa / embarcação aRemeteo a hua sua lancha / e a meteo no fũdo e matou seis ou sete dos / Ingreses e 4 ficarão vivos e dalgũ daq̄les / foi a perna q̄ se achou na barriga do tubarão / Eassi algũs portogezes ganhão sua vida / a andar a elles e os pescãõ cõ q̄qr isca e se / he de cachoros he boa e tal ha q̄ vinte homês //

(fl. 81) o não podem alar assimade hũ navjo e faz / dar as vezes pendor. Tê m<sup>to</sup> azeite e dos / figados som<sup>te</sup> o fazê e deixão estar os fi / gados trez dias p<sup>a</sup> apodreçer bẽ e assi / da mais azeite. Na baya se tirou hũ que / virão p<sup>es</sup> e m<sup>tas</sup> pessoas q̄ os figados derão / Novêta e seis canadas de azeite das canadas / de portugal e destes gastaão os engenhos / comũmente Cucuri, cucuritiga, pasna / pana, os piquenos e algũas castas boas se comẽ /

#### Arrajas

ha m<sup>tas</sup> e todas se comẽ Jobebira Narinarj, E / baepeçu, Age-  
reba, As narinarj tẽ duas pedras / hũ por ceo da boca outra por  
linga cõ q̄ quebra / os buzios Ebibrigões sãõ duas q̄ boa pancada /  
de pedra os não quebra e ellas saẽ fora dagoa / e botãõ no p<sup>a</sup> o ar  
e assi o apanhão e tricão e / comẽ nos e isto se ve cada passo dos  
barcos le / vã tarẽ se ellas mais de duas braças ẽ sima dagoa / e  
darẽ aq̄le estra<sup>o</sup> q<sup>do</sup> o quebrãõ

#### Pexie Viola

ha hũ peixe m<sup>to</sup> fremoso a modo de lande e / tẽ o espelho  
na boca.

#### Dos peixes

ha botos grãdes, lixas grãdes Cavalas das / grandes Epiquenas,  
E mxovas m<sup>tas</sup> no Rjo de Janr<sup>o</sup> //

(fl. 82) hũ peixe q̄ parece no sabor pescada e por / isso lho cha-  
mãõ no brazil tẽ hũ foçinho / q̄ fere e aRemete cõ elle tẽ hũ dente  
m<sup>to</sup> / cõprido q̄ passa plo focinho fora por hũ / buraco q̄ nel'e tẽ  
dãõ grãde dor q<sup>do</sup> ferẽ / Bejuipira sãõ os solhos olho de boi / sãõ  
os atũs, camaripĩ sãõ grãdes / e bõs e tẽ a escama como a palma  
da / maõ grande e se podẽ fazer dellas boas / armas. Albocoras  
m<sup>tas</sup> meros m<sup>tos</sup> e de 2 / castas, Garoupas m<sup>tas</sup> Chixarros m<sup>to</sup> /  
(da capt<sup>a</sup>) (82) Pargos m<sup>tos</sup> v dos Spũ Santo p<sup>a</sup> baixo e já / tomei  
m<sup>tas</sup> vezes e assi tomar em .5. anzolos / q̄ botava trazer logo sinco  
pargos / de palmo e meio dous palmos e as vezes os trazẽ pela bar-  
riga e plos o<sup>h</sup>os q̄ tãtos / sãõ. Sargos m<sup>tos</sup> em S. V<sup>te</sup> e Ryo de Janr<sup>o</sup>  
/ gorazes muitos tẽ hũas barbas nos beiços da / qui diz vierãõ os  
Indios a por suas pedras / nos beiços algũs lhe chamãõ pescadas e  
tã / duas pedras na cabeça como nozes. Sardi / nhas ha m<sup>tas</sup> mas tẽ

---

(82). — Interpolação à margem; omissão remediada com sinal que assinala o v.

mais espinhas e não tē / o gosto das de portugal no Ryo de Janr<sup>o</sup>  
ha m<sup>tas</sup> / São as milhores dize q̄ vê do estreito de ma / galhães.  
Dourados ha muitos, peixes vo / adores, peixes agulhas m<sup>tos</sup> tē o  
focinho m<sup>to</sup> / agudo como hū verdugo despada de tres pal / mos de  
cōprido ou 2<sup>o</sup> elles são da outros m<sup>tos</sup> e hūa / casta tē o queixo de-  
baixo firme e come cō o de Riba //

(fl. 83) Tainhas he m<sup>tes</sup> e mugēs e são os peixes q̄ comūm<sup>te</sup> / ha  
porq̄ os salgão e dão aos escravos he pera ver / estas tainhas q̄ são  
comūm<sup>te</sup> de bōs dous palmos / de comprido e chamãohe curimas.  
vê em car / dumes de fora la do mar largo a desovar nos Rios /  
este peixe vi em a Cap<sup>a</sup> do Spū St<sup>o</sup>, Ryo de Janr<sup>o</sup> e .S. V<sup>te</sup>, emtrão  
pelos Rjos e quando em / baixo do Ruo lhe fazē hū sercado grāde  
de / madr<sup>a</sup> tapando cō Rama e esteiras de a vazēte e achasse sercado  
/ Entretāto dāo lhe la em sima cō o barbasco / q̄ he m<sup>to</sup> e grādes  
feiches e assi o embebedão / e depois a frecha e cō fiskas Redes e  
a mão / os tomão e he tātā a quantidade q̄ matāo q̄ / vi por vezes  
perto de duas mil pessoas cō ca / noas ao matar e fazerē m<sup>ta</sup> deli-  
gēcia p<sup>a</sup> / o salgar como era levarē, o sal pizado a facas / pera  
escalas m<sup>tes</sup> e afiadas m<sup>ta</sup> lenha jūta / p<sup>a</sup> o asar e cō tudo mais era  
o q̄ se perdia do / q̄ se aproveitava e nisto gastāo depois do / mejo  
dia q̄ o matāo ate a menha do outro dia e / fazē no tres vezes no  
anno e aj pena que se não / faça sē se apregoar pr<sup>o</sup> p<sup>a</sup> se não perder  
tāto / peixe.

#### Peixe q̄ comēdo morē homē

Peixe sapo ou coelho amajaçu he comūmente / de palmo faz  
hū bolço como de bolça cheo de vëto //

(fl. 84) Tirada a pele deste se come o peixe e a pelle he / p<sup>a</sup> matar  
Ratos mas se se come tudo jūto morre / a pessoa ou animal. he o  
mais atrevido peixe / q̄ ha aRemete ao anzolo m<sup>to</sup> e inda q̄ veja  
gente / não se lhe da m<sup>to</sup> trica o anzolo facelm<sup>te</sup> e q<sup>do</sup> / o tiraō a  
terra Ronca como cousa grāde /

Itaoca parece punhal de tres gumes e os / olhos esbugalhados  
este tão bē esfolado e / es tripado se comē. . Carapeçaba tē muita  
peçonha he m<sup>to</sup> formoso / preto e amarello e pardo he o peixe bō  
mas / se se derrama o fel por elle se o comerē não / escapara,  
Acueua a cabeça tē como capello / he como morçego. Amoreatī  
este he como / escorpião do mar. O bequi tē a cabeça muito /  
grande estes se picão não escapão se não / cō fogo. Amajacu gnara  
he m<sup>to</sup> formoso azul / So o Rabo tē amarelo Amajacu corubrob este  
/ he fina peçonha e ha outras castas. / ha outro peixe ou cobra

Tereponga põese / como morta nagoa e toda a cousa q̄ lhe toca /  
fica como visgo e q<sup>to</sup> mais se quer tirar pior he / assim come sae  
algúas vezes pela praja parece / cousa m<sup>to</sup> piquena mas como lhe  
tocão parece / odre e tâta força tê naq̄e visgo q̄ não larga / Deste  
aj poucos.

Bocima he Roin Guarabebe tão bê /

### Homês marinhos

ha de m<sup>tas</sup> manr<sup>as</sup> e se os naturais dizē q̄ os vê vê //  
(fl. 85) assombrados e m<sup>tos</sup> morrē de pasmo Igpupiara / dizē os  
naturais q̄ são como homês tê o cabelo / Ruivo os olhos emcovados  
de boa estatura as / molheres dizē tê cabelos cõpridos e fermosos  
/ hũ Indio vio hũa na baya e lhe fugio cõtou ao / sôr e quis ir  
o sôr a ver e não tornou achou se este / homê depois morto e cõ  
a mão fora da canoa q̄ / dizē lhes chupa o sãgue e aperta fortem<sup>te</sup>  
isto / cõteçeo era de 1582 este mesmo anno foi / morto hũ escravo  
e lhe acharão os ossos que / brados do apertar m<sup>to</sup>.

### Marico

Polvos e pera serē tenros os espancão, lulas / poucas, sibas em  
S. V<sup>te</sup> e Ryo de Janr<sup>o</sup> poucas / cangrejos de m<sup>tas</sup> castas e m<sup>tos</sup> em-  
findos ceris / ha de 8 castas q̄ he modo de cangrejos, Ganhe / muj  
são azuis e grandes e andão no mato e ca / neviais jũto dagoa comũ<sup>te</sup>  
tê grãde boca / estes as vezes comē serto fruita e fazē mal  
/ hostras grãdes e piquenas m<sup>tas</sup> vi cascas / dellas nos carijos q̄ bê  
se podē lavar nelas / de dous palmos etc. aj hũas como lapas /  
reiripeba tê perolas e aljofar ha 4 / castas de ameixoas, Berbigões  
m<sup>tos</sup> ha / outra casta q̄ he azembo dangola serve / tão bê pera dor  
de pedra ha hũas / conchas como madre perola de palmo //

(fl. 86) ha m<sup>tos</sup> buzios e de m<sup>tes</sup> castas Coral brãco e fazē / cal cõ  
elle não se sabe se he verdadr<sup>o</sup> vê nũas pedras q̄ não tê agoa em si  
e logo a trespassa Crião m<sup>tas</sup> lagostas nellas. /

### Arvores da Goa

ha m<sup>tos</sup> mãges e grandes e Raixes p<sup>a</sup> ver p<sup>o</sup> q̄ vê as raizes /  
de sima e pegão nagoa e naçē na terra são como / cordas e assi por  
ellas e plas das arvores se êchē / logo de ostras e assi cortão hũ  
pao destas / carregado de ostras e por isso são facēs de / apanhar  
as ostras e isso em todo o brazil / a cada passo onde chega a mare

nestes / mágēs se crião hūs mostiquitos menores q̄ pul / gas muj  
terribēs e cō as agoas vivas mordē / m<sup>to</sup>.

### Passaros Dagoa

Rabi forcado Capiripira andã m<sup>tos</sup> dias e / noites sē pousar e  
outros m<sup>tos</sup> passaros q̄ comē / peixe e de m<sup>tas</sup> cores Gaivotas, alca-  
trazes / grous calcamar este advinha tēpestade. /

### Guarazes

he tamanho com hū gato lo tē bico de palmo / delgado os pees  
de tres plamos o pesçoço com / prido o Rabo curto e piqueno he  
preto q<sup>do</sup> //

(fl. 87) cresce pardo depois q̄ voa brāco e todo se / vai fazēdo  
v(er)melho e assi fica nesta cor / vermelho muj fino as pontas das  
azas sã / pretas criãose em as casas mãos e nas / arvores so em  
.s. V.<sup>te</sup> e Rjo de Janr<sup>o</sup> ha / m<sup>tas</sup> e parece bē em hūa arvore toda  
/ vermelha ou q<sup>do</sup> voão parecē hūa nuvê / formosa majores e a cor  
mais desbotada e sobre o brāco. tē assi o bico... (83).

### Çaracuras

he como perdiz na pena e pernas faz grāde es / trōdo no can-  
tar duas horas ente menhã.

### Dos peixes das agoas doçes

Jaũ dizē tē 15 palmos de cōprido comūm<sup>te</sup> / he gordo he tē  
pelle Curubi he grāde / tē m<sup>tas</sup> pintas de cores muj fermoso tē as  
pitas / a manr<sup>a</sup> de truita mas majores e mais galātes / as cores e he  
bõ no sertão vi m<sup>tos</sup>. Taibarana he como tainha, Mandaig he como  
bagre / tē dous ferros, Aramarj, pardelhas dalētejo / Jazaboçuj, pia-  
bas piquenas Ibiaũ, picois / pretos dalētejo tē azeite de gordos, Pi-  
rajuba / barbos.

Aguari he vestido como hū homē ē hū gavão // (84)

(fl. 89) a boca piquena os beiços groços as barbe / tanas cōpridas  
as escamas sã hūas lami / nas como armas não mais q̄ de hū pal-

(83). — Segue-se um desenho a representar o bico.

(84). — A página 88 não está escrita; e, em branco, como se encontra, tem al-  
guns traços verticais que a inutilizam.

mo comũm<sup>te</sup> / tamoata he a serca como este / Nhũ dia he peixe  
muj gostoso não tẽ espi / nha pode cõparar cõ salmonete no gosto  
/ e sẽpre comũm<sup>te</sup> esta gordo / Piranhas são como vezugos tẽ  
dẽtes q̄ ate / ferro cortão e cõ estes dentes se trosquiavão / os In-  
dios antigamente aRemetẽ aos homẽs / e muj sotis em os comer.  
E servẽ de facas os / dentes, ha muitos camarões de tres castas al-  
gũs como / lagostĩs isto em agoa doce e salgada / ha m<sup>tos</sup> cagados. /

### Cobras dagoa doce E lagartos

Cucurijubã cação amarelo e assi tẽ dẽtes / como de cação viosse  
ahi hũa tinha trita / e sinco palmos de cõprido e outra de Roda /  
4 palmos he formosa e galãte pelo lõbo e / comẽ hũ cão intr<sup>o</sup> esta  
emgole hũa anta / q̄ he como hũa vaca: E veados E tal ouve q̄ /  
se lhe acharão trez porcos mõtezes na ba / rriga apertaos tãto q̄ lhes  
quebra todos os ossos / he comũ dizer e pessoas de fee e p<sup>e</sup> vio  
hũa / estar nos ossos como morta dizẽ q̄ he q<sup>do</sup> comẽ / m<sup>to</sup> como  
vaqua etc. fica q̄ não pode andar //

(fl. 90) ao longo dagoa ou onde ha lama e mete a / cabeça e o  
Rabo debaixo e a mais carne / fica ao sol e apodrece e vẽ os corvos  
/ e a deixão no espinhaço E gastada se / levãta e torna a criar  
carne nova e pou / co e pouco torna a viver hũa se achou em pa-  
raguaçu assi cuberta a cabeça e / o Rabo e os Indios cuidando estar  
morta / lhe cortarão dous pedaços p<sup>a</sup> comer ella / acudiu de vagar  
aRiba e assi morreo da / hi a hũ pedaço q̄ se lhe escoou o sangue  
/ tinha dous porcos e duas passas q̄ são como / dous grandes lei-  
toĩs na barriga. /

### Manima

he maior mas não faz ma: aos homẽs he muito / pintada sẽpre  
esta nagoa.

### Lagartos

ha dous dagoa grãdes Ururuguaguaçu ha / noca atĩga dizẽ são  
como bois e aRemetẽ / a gẽte e a tudo tẽ a perna esquerda cortada  
/ por sima do giolho e assi corre pouco tudo / come carne peixe  
ate pedras esmoe Elhes / achão no bucho são armados de hũas  
com / chas q̄ nada as passa senão plas jũtas //

(fl. 91) Tẽ ferozes dentes nada largão do q̄ ferrão / os testiculos tẽ  
m<sup>to</sup> bõ cheiro. encaixão se / os dentes debaixo e dessima e tẽ de

fora hūs / buracos como dêtes as pedras dos beiços são / boas p<sup>a</sup>  
feveres, Jacare he mã's piqueno / não Remete se não se homē nada  
la ferra / e assi o come tē os mesmos q̄ os grãdes todos / põe ovos  
como de patos põe 30 — 40 dizē / q̄ cō os olhos os gorão não  
estãdo em sima / dão gritos. algūs tomão cō anzolos de cadea /  
comēse estes e he boa carne e algūs cuid̄o / se o não sabē q̄ he  
galinha São algūs de / 15 . 20 pa'mos de cōprido e hū vi de 12 /  
ha m<sup>tas</sup> lontras Jagoapopeba — taçape Igãja / Taguaranha são pre-  
tas ahū Cariguemeiu / são como doninhas mas maiores. /

Muito mais se pudera escrev(er) mas não me / pareçeo q̄ fosse  
tão cōprido p<sup>a</sup> o q̄ per / tēdia E tudo isto o mais vi cō o olho senão  
/ os nomes das ervas Edoutras cousas q̄ / não me lēbravão dequa  
deportugal senão plo / nome nalingoa do brazil E a pessoa q̄ vio /  
o mais E isto escreveo he hū p<sup>e</sup> de m<sup>tos</sup> / annos do brazil e muj  
coriozo de esperemētar / tudo o q̄ assima disse. //